



# RAIZEIROS de Alto Paraíso:



## Saberes Ameaçados

UMA JORNADA EM BUSCA DE CONHECIMENTOS  
TRADICIONAIS DE RAIZEIROS E RAIZEIRAS NO  
CERRADO DA **CHAPADA DOS VEADEIROS**



Daniela Ribeiro   Mieko Kanegae   Clara Carmoni

Ivan Anjo Diniz   Joana Queiroz   Kiara Souza   Melissa Maurer

## FICHA TÉCNICA DO PROJETO “ RAIZEIROS DE ALTO PARAÍSO: SABERES AMEAÇADOS”

### **Raizeiros Autores**

Abadia Selma Pereira Dutra Santos  
(Dona Abadia)  
Adelídio Ferreira de Almeida (Seu Dédé)  
Bernadina Afro de Torres (Tia Remédio)  
Delcino Cardoso da Silva (Seu Delcino)  
Domingas Mariano de Souza (Dona Domingas)  
Florentina Pereira Santos (Dona Flor)  
Joaquim Inácio da Mota (Seu Joaquim)  
Luzia Gonçalves dos Santos (Dona Luzia)  
Maria Joana Lopes de Abreu (Dona Maria)  
Miguel da Costa Torres (Seu Miguel)  
Pascoa Neres Bispo (Dona Páscoa)  
Washington Andrade Silva (Tom das Ervas)

### **Proponente**

Mieko Ferreira Kanegae

### **Direção e Roteiro do Documentário**

Daniela Ribeiro de Souza  
Mieko Ferreira Kanegae  
Sérgio Makari

### **Assistente de Produção e Pesquisa**

Clara Carmoni Teixeira A. da Silva  
Joana Jubé Ribeiro Queiroz

### **Produção “I Encontro de Raizeiros e Pajés da Chapada dos Veadeiros”**

Daniela Ribeiro de Souza

### **Bióloga, Especialista em Fitoterapia**

#### **Editora geral do livro**

Daniela Ribeiro de Souza

### **Poesia**

Ivan Anjo Diniz

### **Fotografia**

Melissa Maurer – Instantes

### **Aquarela**

Ivone Lyra

### **Design gráfico, diagramação e editoração Materiais de divulgação do I ERPCV**

Othávio Canabarro

### **Direção de arte, diagramação e editoração Livro e painéis-poesia**

Miag Eric Makibara

### **Motion graphics e finalização**

Sérgio Makari

### **Montagem**

Adriele Maria

### **Produção Musical**

Ubirajara Júnior Tana - Estúdio Artemisia

### **Design gráfico e diagramação (materiais de divulgação)**

Othávio Canabarro

### **Revisão Botânica e textual do livroto:**

Renata Corrêa Martins 1ª edição

### **Projeto contemplado pelo:**

Governo de Goiás  
Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás  
(Edital 10/2015)  
SEDUCE  
e outros parceiros (final do livro)

R149 Raizeiros de Alto Paraíso: saberes ameaçados. / Daniela Ribeiro-Souza...[et al]. – Alto Paraíso de Goiás: Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás, SEDUCE, 2017.

120 f. : il.

1. Medicina Popular. 2. Conhecimento Tradicional. 3. Plantas Medicinais do Cerrado.  
4. Conservação de Recursos Naturais. 5. Etnobotânica. I. Ribeiro-Souza, Daniela. II. Título.

CDU 615.89



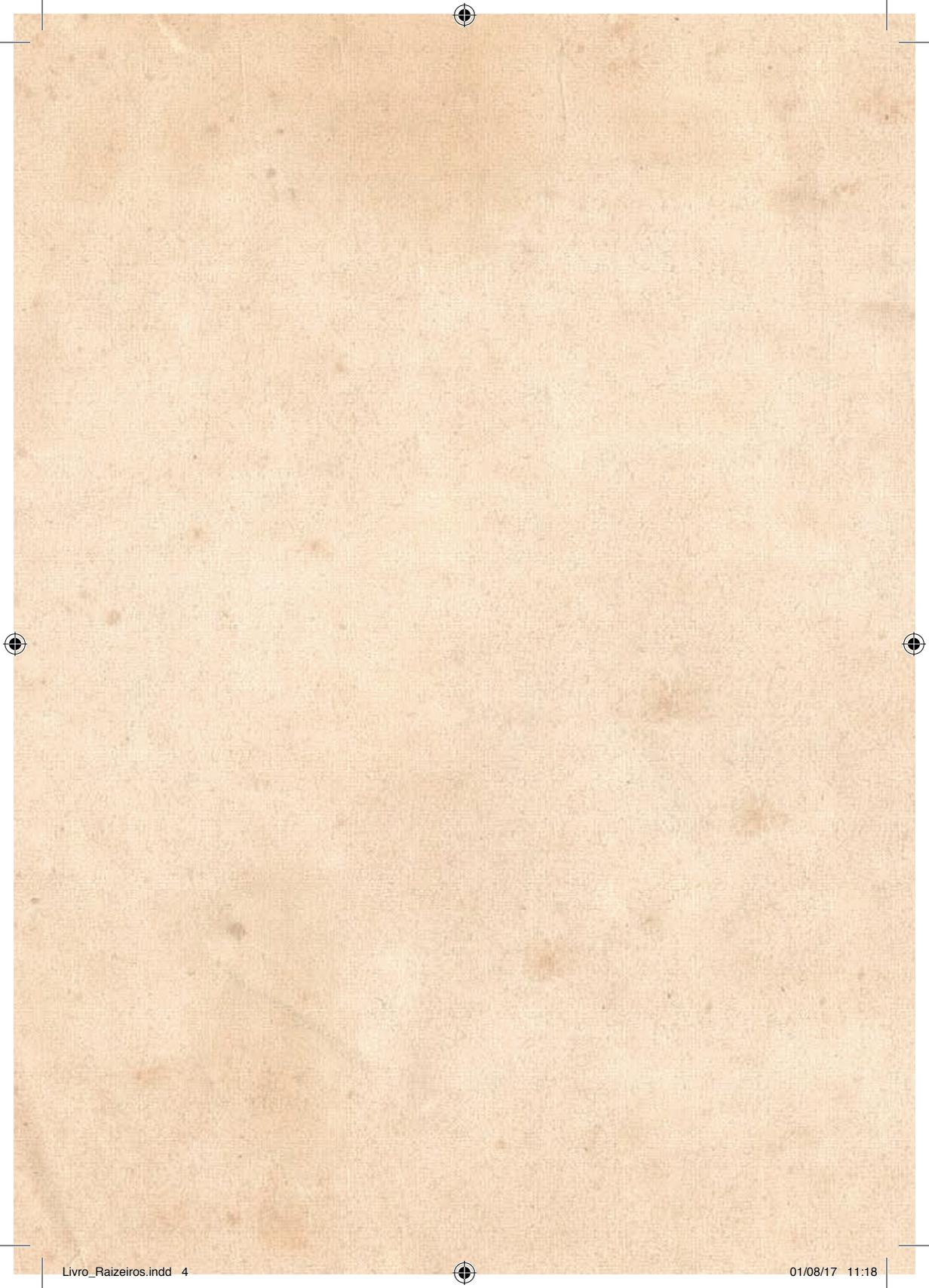
# RAIZEIROS

de Alto Paraíso:



Saberes Ameaçados

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**



## PREFÁCIO

A semente do projeto “Raizeiros de Alto Paraíso: saberes ameaçados” foi plantada durante uma saída de campo realizado em outubro de 2014, atividade dentro do Projeto “Plantas Medicinais do Cerrado”, executado pelo Centro UnB Cerrado com seus bolsitas do Ensino Médio. Acompanhados pelas professoras Íris Roitman, Mieko Kanegae e orientada pelo mateiro Zé Preto, do povoado de São Jorge. O grupo ficou surpreso com o conhecimento demonstrado pelas estudantes Lailane Gonçalves e Sulene Francisco Pereira (ambas com 16 anos na época) sobre as plantas medicinais observadas, fato que despertou a curiosidade da equipe sobre a forma de transmissão dos saberes tradicionais entre as gerações e quais eram os raizeiros que ainda exerciam o ofício na região. A partir de então a Professora Mieko e a estagiária Clara Carmoni começaram a buscar estratégias para levantar informações a respeito do tema. Também foram atrás de suporte financeiro para registro e exposição de imagens e vídeo sobre a história de vida dos detentores do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais do Cerrado e de quintal, moradores da cidade. No mesmo período, a Bióloga Daniela Ribeiro encaminhou à Universidade Federal de Goiás (UFG) um projeto de pós-graduação sobre o levantamento dos raizeiros da região de Alto Paraíso de Goiás, Moinho, Sertão e São Jorge, com o objetivo de alaborar um memento fitoterápico sobre as plantas medicinais do Cerrado mais utilizadas entre os mesmos, assim como a idealização de um encontro para reunir e promover a troca de saberes entre raizeiros, parteiras, benzedeiros e pajés na Chapada dos Veadeiros, aberto à população em geral. Em agosto de 2015, os ideais de Mieko, Clara e Daniela são fusionados num mesmo projeto, que intitula este livro. O projeto é financiado pelo recurso do Fundo de Arte e Cultura da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás (SEDUCE), Edital 10/2015.

Durante a execução do Projeto, verificamos com antigos moradores que alguns raizeiros, outrora referência para a comunidade, já haviam falecido ou estavam com idade avançada (com poucas exceções), e que não tinham sucessores no ofício. Felizmente este cenário foi modificado ao final da pesquisa e podemos dizer que é um dos frutos deste projeto, o fato de que alguns filhos de raizeiros e membros da comunidade resolveram se empoderar de tal conhecimento e assumiram a intenção de sucederem os seus pais. Como exemplo, citamos o Wilson e a Deijanete, filhos de Dona Flor. Outras pessoas da comunidade também se mostraram interessadas em se tornarem benzedores e benzedeiiras, aprendizes de Dona Domingas. Outro fruto foi a inserção, como uma das atividades de cura, do benzimento que agora está na programação semanal da Associação Holística de Alto Paraíso de Goiás. Toda quarta-feira, no período vespertino, está aberto à comunidade o benzimento realizado por Dona Páscoa e Dona Domingas.

Além do conhecimento sobre plantas medicinais, que é comum a todos os raizeiros, a fé, a conexão e o respeito com a natureza também são. Não basta apenas querer aprender sobre as ervas, mas todos esses “ingredientes” juntos fazem com que os raizeiros desenvolvam esse dom. São pessoas simples, humildes, que muito teem a ensinar. As pessoas os procuram por serem atenciosos, acolhedores, transmitirem confiança e, por muitas vezes trazerem soluções a problemas que há tempos não são encontradas.

Considerando esse saber ameaçado de desaparecimento, tanto pela idade dos seus atores, quanto pela falta de interesse ou falta de tempo da maioria dos filhos de darem continuidade a este legado; pela perseguição religiosa que, em alguns casos, angustia e amedronta, e ainda, por determinadas classes trabalhistas e alguns órgãos públicos que os perseguem, assim como pela ameaça de desaparecimento do Cerrado, santuário de onde são retiradas as matérias primas para execução desse notório saber, o presente trabalho realizou diversas atividades como: entrevista com 16 raizeiros, sendo cinco homens e 11 mulheres (quatro optaram em não serem documentadas) do município de Alto Paraíso de Goiás; exposição fotográfica e poética, além da produção do curta-metra-

gem “Raizeiros: saberes ameaçados”, com 34 minutos de duração, que retrata um pouco da vida e obra desses cidadãos, patrimônio cultural imaterial da humanidade. Tanto o documentário quanto a exposição já foram divulgados para centenas de pessoas, dentre turistas e moradores, inclusive em eventos de grande circulação como: I Encontro de Raizeiros e Pajés na Chapada dos Veadeiros; VI Feira de Sementes e mudas da Chapada dos Veadeiros; Seminário Internacional de Gestão Integrada do Território; ENJAP – I Encontro da Juventude de Alto Paraíso e o IV Encontro de Pesquisadores da Chapada dos Veadeiros.

Ao identificar espécies ameaçadas de extinção como o velame branco (*Mandevilla velame*), que são muito úteis aos raizeiros e quase já não a encontram mais, e ainda, ao identificar as causas das desistências do ofício por parte de alguns, além da não continuidade da transmissão do conhecimento para os seus descendentes, compreendemos seus anseios e aflições, buscamos então resgatar e salvaguardar o que ainda resta destes saberes e fazeres, além de estimular as próximas gerações na perpetuação dos costumes tradicionais, desmistificando e quebrando preconceitos, por meio de ações propostas como: palestras, oficinas, exposições, entre outras que foram e estão sendo ofertadas para a comunidade em geral.

Cada história, filmada e escrita, assim como as fotografias e receitas cedidas, tiveram autorização prévia e revisão de cada raizeiro.

Este pequeno livreto, de distribuição gratuita, simples no tamanho, mas grande em intenções, busca ser útil às famílias dos raizeiros e raizeiras, quando registra parte da memória viva de seus familiares; à comunidade científica quando realiza a identificação de espécies nativas de uso medicinal, assim também quando resgata e salvaguarda parte da história de um povo e, à comunidade em geral quando disponibiliza receitas úteis à saúde de toda a população.

*Mieko, Daniela e Clara.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiro a Deus que com seu sopro de criador traz vida a tantos organismos, cada qual com seu papel crucial, interligando todos os seres na teia da vida.

Agradecemos a mãe Terra que semeia as sementes e nos presenteia com abundância de plantas, colorindo e nutrindo a nossa vida com essa variedade de cores e formas de flores e frutos.

Agradecemos a cada raizeiro e raizeira, parteira, benzedor e benzedeira, a cada pessoa que nos acolheu em sua casa, cedeu seu tempo e compartilhou de sua vida, marcando a nossa alma ao relatar as dificuldades vividas, os causos de cura com o uso de plantas medicinais e rezas, todos guiados pela fé em Deus, conexão e respeito com a natureza.

Agradecemos a cada parceiro, que acreditou no nosso projeto e nos apoiou até mesmo no cuidado com os filhos; aparecendo inesperadamente oferecendo apoios diversos; celebrando as nossas conquistas...

Agradecemos a cada amigo e familiar que nos auxiliou e até mesmo nos criticou em algum momento necessário. Agradecemos pela compreensão pela nossa ausência em casa em várias ocasiões devido aos trabalhos em finais de semana e a noite.

Agradecemos a cada patrocinador que de alguma forma se viu conectado com a história dos raizeiros, parteiras e benzedeiros e das plantas medicinais, sem seu apoio o projeto não se concretizaria.

Agradecemos a Chapada, por acolher grandiosamente a todos que aqui chegam, forasteiros de todos os cantos do mundo.

Enfim, agradecemos a cada pessoa, que de forma particular, fez sua contribuição se tornando imprescindível.



## DEDICATÓRIA

A todos os raizeiros e raizeiras,  
parteiros e parteiras,  
benzedores e benzedoras e ainda,  
a todos os seus familiares  
e cidadãos de bem,  
interessados em saber  
um pouco mais sobre as  
tradicionais e populares  
formas de cura  
através da natureza e da fé.



O velame branco (*Mandevilla velame*) é uma das espécies medicinais nativa da flora do Cerrado, ameaçada de extinção. Foi eleita pela equipe após ter sido citada diversas vezes pelos raizeiros e raizeiras como a espécie mais difícil de ser encontrada nos dias de hoje. A raiz desta planta já foi largamente utilizada pelos curandeiros de diversas localidades do Estado de Goiás, que atualmente andam quilômetros a sua procura, e muitas vezes não obtêm sucesso em encontrá-la. Sua flor foi utilizada como símbolo no "I Encontro de Raizeiros e Pajés na Chapada dos Veadeiros" (I ERPCV), como um grito de socorro ao nosso Bioma, drasticamente ameaçado pela pecuária, monoculturas e suas mazelas.

A aquarela foi feita especialmente para o I ERPCV e cedida gratuitamente por Ivone Lyra, Formada em Artes Visuais pela UFG. Foi Diretora do Museu de Arte de Goiânia de 1987 à 1993 e Professora de Desenho e Pintura nas Oficinas da AAMAG, no SEBRAE - Goiânia, na Fundação Jaime Câmara e realizou várias Exposições coletivas em diversos locais.

Assim como a aquarela, a trilha sonora, as poesias e fotografias dos raizeiros foram todas feitas especificamente para o Projeto, por pessoas residentes em Alto Paraíso de Goiás.

## SUMÁRIO

INFORMAÇÕES IMPORTANTES.....	12
Abadia Selma Pereira Dutra Santos (Dona Abadia).....	16
RECEITA de “Doce anti-anemia” .....	23
Adelídio Ferreira de Almeida (Seu Dédé).....	24
RECEITA de “Composto cicatrizante” .....	30
Bernardina Afro de Torres (Tia Remédio) & Delcino Cardoso da Silva (Seu Delcino).....	32
RECEITA contra sinusite, infecção de garganta e resfriado (“para soltar o catarro”).....	39
Domingas Mariano de Souza (Dona Domingas).....	42
RECEITA de “Garrafada Depurativa do Sangue” .....	48
Florentina Pereira Santos (Dona Flor).....	50
RECEITA de “Garrafada da Mulher” .....	55
Joaquim Inácio da Mota (Seu Joaquim) & Maria Joana Lopes de Abreu (Dona Maria).....	60
RECEITA de “Raizada depurativa” .....	68
Luzia Gonçalves dos Santos (Dona Luzia).....	70
RECEITA de “Chá de algodoeiro de quintal” .....	76
Miguel da Costa Torres (Seu Miguel).....	78

RECEITA de “Fermentado de gravatá” .....	84
Pascoa Neres Bispo (Dona Páscoa).....	86
RECEITA “Contra sinusite e simpatia contra dor de dente” .....	92
Washington Andrade Silva (Tom das Ervas).....	94
RECEITA de “Xarope contra gripe” .....	99
Tabela das plantas e formas de uso, em comum, entre os raizeiros entrevistados no município de Alto Paraíso de Goiás.....	101
ALGODÃOZINHO <i>Cochlospermum regium</i> .....	102
BARBATIMÃO <i>Stryphnodendron adstringens</i> .....	104
BURERÉ <i>Brosimum gaudichaudii</i> .....	106
CAROBINHA <i>Jacaranda ulei</i> .....	108
VELAME BRANCO <i>Mandevilla velame</i> .....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
RAIZEIROS NO PARAÍSO.....	117
CRÉDITOS DAS IMAGENS.....	118
Patrocinadores do “I Encontro de Raizeiros e Pajés da Chapada dos Veadeiros” .....	119
APRESENTAÇÃO DA EQUIPE.....	120

## INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Algumas formas de preparo de medicamento caseiro:

- Infusão:  
Folhas, flores e cascas finas.  
Ferver a água e verter sobre a planta medicinal, previamente higienizada e colocada dentro de uma vasilha. Tampar e deixar em repouso por cerca de 20 minutos, coar.
- Decocção:  
Casca, ramos, frutos, sementes e raiz.  
Colocar a planta medicinal em água fria, tampar e ferver por 2 a 10 minutos em fogo brando. Deixar em repouso por 20 minutos, coar.
- Maceração:  
Amassar a planta medicinal e colocar em água natural filtrada, deixar em repouso de 2 a 24 horas, coar.  
\* A maceração consiste no simples contato da planta com o líquido extrator em temperatura ambiente, por tempo determinado.
- Garrafada:  
Numa garrafa de vidro escura, colocar as plantas medicinais e em seguida, colocar por cima vinho branco, pinga ou álcool de cereais até cobrir (deixar cerca de um cm do líquido extrator acima das plantas). Deixar curtir, na maioria dos casos, 21 dias.

- Xarope:  
Ferver uma parte de água e outra parte igual de açúcar ou rapadura, até dissolver. Juntar uma medida de suco da planta medicinal e ferver até dar o ponto de xarope. Lembrando que o açúcar diminui a imunidade, devemos usar o mínimo possível, e depois de esfriar, pode-se completar com mel. Mesmo que o xarope tenha menor período de validade, pelo menos tem menos açúcar.
- Pó:  
Folhas, flores, frutos, sementes, raízes e cascas.  
Secar a planta medicinal, triturar até reduzir a um pó fino.

### **Resolução-RDC N°10, de 9 de Março de 2010**

Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências.

Art. 4º Para fins de padronização, são adotadas as seguintes medidas de referência:

- I - colher das de sopa: 15 mL / 3 g;
- II - colher das de sobremesa: 10 mL / 2 g;
- III - colher das de chá: 5 mL / 1 g;
- IV - colher das de café: 2 mL / 0,5 g;
- V - xícara das de chá ou copo: 150 mL;
- VI - xícara das de café: 50 mL; e
- VII - cálice: 30 mL.

## Chás - medidas

- 2 a 5%
- 20 a 50 g de erva por litro
- 2 a 5 g de erva para 100 ml
- 4 a 5 g da planta fresca para 100 ml de água
- 2 a 3 g da planta seca para 100 ml de água.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 80% da população mundial ainda recorre às Plantas Medicinais para a cura de males da saúde.

A Fitoterapia (do grego *therapeia* = tratamento e *phyton* = vegetal) que é terapia/ciência que se ocupa do tratamento das doenças através das plantas medicinais, está na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPIC, desde 2006, no entanto, o número de unidades e profissionais capacitados para estas práticas, ainda é muito pequeno.

Vale ressaltar que, “não é porque é natural que não vai fazer mal”, pois há uma crendice que diz: “é natural, se não fizer bem, mal também não faz”, o que pode acarretar em sérios problemas, como alergias, intoxicações e até óbitos. No Brasil, diversas pessoas morrem ao ano intoxicadas por plantas. Toda planta é sagrada, mas há de se ter respeito às suas propriedades.

*Gênesis 1:29-30* “Tenho-vos dado TODAS as ervas que produzem semente, e se acham sobre a face da Terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dá semente.

“Ser-vos-ão para alimento”.

*Ezequiel 47:12* “...O seu fruto servirá de alimento e sua folha de REMÉDIO”

## DISQUE INTOXICAÇÃO

**0800-722-6001**

A ligação é gratuita e o usuário é atendido por uma das 36 unidades da Renaciat – Rede Nacional de Centros de Informação e Assistência Toxicológica

### Atendimento 24 horas

Centros mais próximos da *Chapada dos Veadeiros*:

#### **Centro de Informação e Assistência Toxicológica**

Endereço: SGAN Quadra 601 Lotes "O e P"

CEP.: 70.830-010 - Brasília/DF

Telefones: (61) 3325-6773 / 3225-6512 / 0800.644 6774

e-mail: [ciatdf@saude.df.gov.br](mailto:ciatdf@saude.df.gov.br)

#### **Centro de Informações Tóxico-Farmacológicas de Goiás**

Endereço: Superintendência de Vigilância Sanitária

Av. Ananguera, 5195- Setor Coimbra

CEP: 74.043-001 - Goiânia/GO

Telefone/Fax: (62) 3291-4350 / 3201-4110

3201-4111 / 3201-4149

Atendimento: 0800 646 43 50

E-mail: [cit@visa.goias.gov.br](mailto:cit@visa.goias.gov.br)

# DONA ABADIA

## ASSENTAMENTO SILVIO RODRIGUES

Para ter essa energia vou dizer o que há  
Eu tomo todo dia o pó do Jatobá  
Os vizinhos são nossos parentes  
Eles que estão aqui perto da gente  
Família é todo mundo que está aqui embaixo  
Não sou dona da verdade, mas é assim que eu acho  
Tudo precisa da luz de Deus para ter alegria  
Faço tudo com amor e a Lua sempre me guia  
Vivo pela misericórdia divina aqui nesse chão  
Estou aqui para aprender com seu João  
com seu José e Dona Maria  
Humildade é importante e eu pratico todo dia  
Muito prazer, com todo respeito,  
Pode me chamar de Dona Abadia



# DONA ABADIA

Abadia Selma Pereira Dutra Santos, nasceu no município de São João da Aliança-GO, em 18 de março de 1966. Mãe de 3 filhos, evangélica, é uma mulher de muita vitalidade, força e fé.

Dona Abadia trouxe o interesse e o dom de trabalhar as plantas 'no sangue': *"o meu vô, eu não cheguei a conhecer ele, sabe, mas a gente traz no sangue isso, não adianta dizer que não traz...da minha família toda só quem mais despertou o interesse de saber dos matos, das matas, e quer saber das plantas, e quer usar tudo, sou eu..."*.

No entanto Dona Abadia não se considera raizeira, mas sim, uma aprendiz: *"o meu avô materno - Antônio Sobrinho, nascido na Fazenda Polônia, denominada João Paulo - ele era um raizeiro verdadeiro, porque eu não sou uma raizeira verdadeira, estou aprendendo, e cada dia eu aprendo um pouco mais, aprendo o que é bom e o que é ruim também, pra saber o que é ruim e o que é bom....quanto mais a gente aprende ainda é pouco...porque cada coisinha tem sua utilidade, seja para o que for. Esta é a maior benção que a gente recebe da natureza, só que a gente não dá valor, muitos dão, mas outros não dão. A natureza é a nossa mãe, que tanto nos ama e que tudo nos oferece e poucos a conhece"*.

Várias são as fontes de ampliação de seus conhecimentos a respeito do assunto: o curso de agente de saúde, livros, além de ouvir muito os mais velhos, de onde – segundo ela -

“é que vem a maior orientação”. Por volta de 1989, se formou Agente de Saúde em Alto Paraíso de Goiás, foi quando entrou efetivamente para esta área. Ali, aprendeu, entre tantos outros cuidados e prevenções, sobre os primeiros socorros no parto e sobre plantas medicinais. No período em que trabalhou como agente, cuidava de 54 famílias no entorno da Cidade da Fraternidade, visitando a cavalo as residências para ver a condição de saúde de seus moradores. Muitas vezes se deparava com pessoas doentes e sozinhas, então prestava os cuidados necessários. Desde então não parou de aprender sobre as plantas com propriedades medicinais e declara a vontade de descobrir como cada espécie pode ser utilizada com finalidades terapêuticas.

Cuidadosa, ela coloca “um remedinho” aqui e ali na rotina de sua família, em meio as refeições e afazeres diários. Toma a “garrafada da mulher”, que ela mesma faz, uma vez por ano, desde que teve sua primeira filha, e a esse hábito atribui só ter sentido os sintomas da menopausa durante 3 meses.

Dona Abadia nos revela um pouco sobre a forma de proceder em relação as plantas que utiliza. Segundo ela, primeiramente, ouve com atenção o que a pessoa a relata que está sentindo, então ela procura observar os seus conhecimentos adquiridos, depois pede a Deus que a oriente, daí então, faz o que está ao seu alcance para ajudar aquela pessoa.

Ela e o esposo são lavradores: lidam com a terra cultivando alimentos e criando animais que consomem e comercia-

lizam. Seu queijo é famoso na região e muita fartura de frutas, verduras e plantas medicinais pode ser encontrada na Fazenda Cachoeirinha, onde cuida em especial do seu abundante quintal e das matas da propriedade. Não utiliza agrotóxicos para que ali as espécies necessárias para confecção do xarope caseiro possam se desenvolver. Alimenta e trata de suas galinhas somente com os produtos da roça e os remédios naturais; conta a bem sucedida experiência de cultivar batata, alface, agrião e outras plantas de horta na borda do tanque de peixe, aproveitando seus nutrientes.

Dona Abadia questiona o efeito à saúde do excesso de “remédios” aplicados na vaca, que vai para o leite, para o queijo e não fazem bem ao organismo. Cita que há “remédios certos” para o gado leiteiro e para o gado de corte. Acha muito importante os cuidados que se deve dedicar à Mãe Natureza, como evitar barulhos nas beiras das matas e nas beiras dos rios onde se encontram animais que “precisam de paz”. Almeja incentivos governamentais a favor dos “remédios certos para os lavouristas usarem”.

Dona Abadia é muito lembrada na comunidade pela produção de seus xaropes. Algumas plantas ela busca no Cerrado, outras no quintal. Trabalhadora, ela mesma retira o mel de abelha europa, extrai o óleo da copaíba e produz o óleo do coco xodó.

*“Faço o xarope com amor e alegria em meu coração, pedindo*

*a Deus que esse xarope sirva para a criança, para o adulto, para o idoso... O que faz valer o remédio é o amor... A presença de Deus está em tudo que a gente faz, ela está na luz de cada dia que o sol resplandece. A gente tem que saber que os olhos de Deus estão ali. Os rios representam os braços de Deus estendidos para todos, se observa que toda planta em volta é verde e de tudo que precisar tem nela. Nós devemos estar sempre agasalhados a ela como as árvores que estão plantadas nas matas dos ribeiros. Tudo é verde, tudo é florido, tudo é feliz...– diz ela.*

Ela orienta sobre o cuidado que mantêm o espécime vivo na hora de coletar, também aponta a importância de se compartilhar o conhecimento sobre as plantas medicinais, assim, para que ele alcance o maior número de pessoas.

Dona Abadia tem uma sugestão: que espécies frutíferas sejam inseridas na arborização, isso, de acordo com ela: *“facilitaria muito a vida das pessoas, por exemplo, de quem é acostumado a morar na zona rural e precisa visitar a cidade, onde tudo custa dinheiro”*.

Segundo ela, o interesse somente por dinheiro é que faz com que as pessoas não dêem a dedicação que precisa para que possamos ter uma Terra rica para tudo e para todos.

#### Dicas da Dona Abadia:

*“Quando se come uma fruta e a fruta faz mal, o remédio é a cas-*

ca da própria fruta. Por exemplo, comeu pequi e está arrotando, com dor de cabeça, pega a casca do pequi e faz um chá, deixa ferver durante 10 minutos com pouca água e bebe morno”.

“Quando se tem indigestão com ovo: pegue um ovo cru, quebra ele com casca e tudo na panela e ferve com água, logo que ferveu coa e bebe essa água pura”.

“Comeu um peixe frito e teve indigestão: pega um pedaço do peixe coloca para cozinhar, coa e bebe a água”

#### Dicas de Dona Abadia para os animais:

- Erradicar a cochonilha (*Phenacoccus* sp.) dos quiabeiros: jogar cinza “...logo está tudo verdinho de novo”
- Antiofídico: raiz da lobeira (arranca a raiz da lobeira do lado em que o sol nasce, pisa no pilão, adiciona água, coa, põe na garrafa e dá para o animal picado)
- Fortalecer as galinhas (evitando o uso de vacinas): folhas da horta - beterraba, cenoura e outras - acrescentadas à ração das galinhas
- Para prevenir o golgo (também conhecido como gripe ou coriza das aves) e outras pestes: limão galego espremido na água e na comida dos animais.
- Para mastite das vacas: pomada de tanchagem com banha de porco (corta a tanchagem em pedaços pequenos e frita na banha do porco).

## RECEITA de "Doce anti-anemia"

### Ingredientes:

- 07 laranjas da terra
- 03 litros de água
- 1 kg de rapadura

### Modo de fazer:

Lave as laranjas da terra e coloque-as inteiras numa panela de ferro. Cubra com a água e coloque para cozinhar até ficarem moles.

Quando as laranjas já estiverem bem amolecidas, desligue o fogo, pegue uma peneira grande (de palha ou inox) e exprema as laranjas passando pela peneira. O que ficar na peneira deve ser dispensado para compostagem.

Pegue o que passou pela peneira e volte ao fogo com a rapadura mexendo com colher de pau, até atingir o ponto de um doce pastoso consistente.

Espere esfriar e armazene num vidro de boca larga, bem tampado.

### Modo de usar:

½ (meia) colher de café, 1 vez ao dia, para crianças a partir de 7 anos.

1 (uma) colher de café, 1 vez ao dia, para adultos.

**Observações:** De acordo com as experiências de Dona Abadia, esta receita é *"uma beleza para acabar com a anemia, mas não pode exagerar na medida porque ela aumenta o apetite"*.



# SEU DEDÊ

## ALTO PARAÍSO DE GOIÃS

Seu Dedê não é só um raizeiro

Ele é um sobrevivente do garimpo

Sangue de lutador, cantador e violeiro

Guia que te mostra o cerradão e o campo limpo

O cerrado rupestre e as veredas

Que sorri como criança e canta como passarinho

Enquanto lhe mostra a trilha entre as pedras

Tornando mais leve o longo e quente caminho

Que te ensina para que servem as plantas

Entre um raio de sol e um brilho no olhar

Ele segue assim na música e na vida

Passos firmes nesse constante caminhar

Personagem marcante dessa terra querida

Ele é pessoa de luz, coisa rara de se encontrar

# SEU DEDÉ

Homem de muita sabedoria e fé, Adelídio Ferreira de Almeida, mais conhecido como “Seu Dedé”, bisneto de uma índia xavante com um quilombola, nasceu em 03 de abril de 1956, às margens da cachoeira de São Miguel, hoje conhecida como cachoeira Volta da Serra. Trabalhou e morou durante quase toda a sua vida na região da antiga “Baixa”, hoje, internacionalmente conhecido como Vila de São Jorge, município de Alto Paraíso de Goiás. Atualmente, reside no Assentamento Terra Mãe – localizado na zona rural de Colinas do Sul. É raizeiro, violeiro e lavrador, e um excelente guia turístico em toda a região da Chapada dos Veadeiros. Seu Dedé, como muitos moradores da Vila de São Jorge, tem sua História marcada pelo garimpo.

Ainda criança, por volta dos 12 anos de idade, Seu Dedé começou a trabalhar no garimpo e a desvendar os segredos sobre as plantas medicinais. A sabedoria e a experiência de sua mãe lhe foi transmitida. Mas como ele mesmo afirma: “tô estudando até hoje”.

*“Comecei mesmo com minha mãe, eu comecei eu tinha 12 anos, as primeiras plantas que eu comecei aprender foi com ela. Ela me levava pra rancar e eu dizia que só ia rancar se ela me contasse pra quê que servia, aí ela me falava, assim eu fui aprendendo”...“minha mãe também era garimpeira, lavradora e parteira, ia junto com ela pro garimpo e trabalhava na lavoura”.*

Em 1978 casou-se com Maria Francisca Barbosa e juntos tiveram 8 filhos; sua jornada ao lado de Maria foi marcada por muitas lutas, cumplicidade e uma troca mútua de saberes. Adelídio e sua companheira trabalhavam de sol a sol no garimpo, onde hoje é o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em busca de cristais, os quais eles vendiam o quilo por apenas um cruzeiro, para prover o sustendo de sua família.

Mais tarde, com a criação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros - PNCV, o casal de raizeiros passou a ser guia turístico na região. Segundo seu Adelídio, em 1991 se formou o primeiro grupo de guias e a associação ACV-CV, composto por ele, Seu Wilson, Nivaldo, Uiter e outros. Aproximadamente oito anos depois, sua companheira Dona Maria, também iniciou seus trabalhos como guia. Hoje, três de seus filhos também exercem a profissão de guias turísticos na Chapada dos Veadeiros.

Adelídio afirma que existia um acordo verbal entre o PNCV e os antigos garimpeiros, *“pra largar a roça e o garimpo, nós podia passar a viver do trabalho de guia”*. Mas em 2012, com a desobrigatoriedade de adentrar no Parque acompanhado de guia, Seu Dedé e família ficaram sem o sustento. Sua esposa então decide se mudar, pois ali não poderiam mais guiar, garimpar ou tirar o sustendo da terra, e foi aí que se juntaram ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra.

Dividindo-se entre as andanças pelo Cerrado, o trabalho no campo, a criação dos filhos e o ofício de raizeiros, Adelídio e Maria prosseguiram juntos até dezembro de 2014. Ele conta que ela *“fazia a garrafada pra mulher, ai foi nesse ponto que eu aprendi com ela, porque ela sabia fazer a garrafada pra mulher e eu sabia pra homem”*. Sempre curioso, ele a observava preparando suas garrafadas e ajudando na coleta das plantas. Após a morte de Maria, ele deu continuidade ao trabalho de sua companheira. Hoje ele prepara garrafadas para mulheres e homens, como também chás e outros compostos medicinais, além de ministrar cursos e vivências sobre a flora nativa da região.

Para seu Dedé, seu ofício de raizeiro é um dom dado por Deus. Demonstrações de respeito e fé são constantes em suas palavras. Sua conexão com o *“Senhor Jesus, nosso Deus”* se manifesta também na hora de coletar as plantas pelo Cerrado: *“quando eu entro no Cerrado primeiramente eu oro a Deus, pra poder coletar as plantas porque ele é dono de todas as coisas. As plantas não é só chegar e colher não, tem que pedir licença ao Pai do céu, pedir ao Senhor Jesus pra abençoar, pra acertar com as plantas direito e pedir a ele também pra abençoar né, pra poder as plantas dá reação, porque o remédio cura, mas sem a presença de Deus, o remédio não vale nada, é pior que beber água, porque a água mata a sede*

*e o remédio sem a fé não tem utilidade de nada”.*

Adelídeo atende a homens e mulheres, pessoas que o buscam para curar as mais diversas enfermidades, seja impotência, infertilidade, feridas purulentas, distúrbios menstruais, doenças que são tratadas com suas garrafadas, pomadas e pílulas naturais. Em suas experiências com a cura através das plantas ele conta um caso que lhe foi peculiar: *“Tinha um homem que a piranha mordeu ele (não foi a piranha de casa - risos), piranha do rio, rancou o pedaço, rancou um bife, ele pegou a piranha e veio com ela no anzol, ai ela bateu aqui nele (mostrando a coxa) e grudou, rancou o pedacinho, aí, cadê sarar? Ele tinha diabetes. Não sarava mais de jeito nenhum... Ele é até da Assembléia, chamam ele de pastor. Ai ele falou: ‘Irmão você não sabe um remédio que sara isso aqui não? Isso aqui tá fundando demais, tô com medo de virar câncer, ta fundando e abrindo, saindo muito pus e sangue misturado’[...], porque estava muito inflamado.” [...] Para essa ferida purulenta seu Dedé preparou uma pomada com várias ervas: casca de barbatimão, pau-santo, pau terra, tingui, pacarí, caraíba, carvoeiro do campo, copaíba, casca de pau-terra-da-folha-larga, segundo ele as cascas cozidas na água por várias horas vira *“um visco, uma cola”* que possui uma forte ação cicatrizante. Essa pomada ele afirma ter aprendido com seu pai, que a preparava para curar *“feridas crônicas”* de cavalo, mas ele percebeu que poderia ser indicada para humanos; dias depois seu*

amigo o procurou mostrando a ferida totalmente cicatrizada.

Seu Dedé prende a atenção do espectador com suas histórias fascinantes sendo a viola caipira uma de suas paixões. Cantor e compositor de belas melodias, junto com seu irmão, encantam as noites da Vila de São Jorge quando são convidados pra tocar. Humilde, com uma saúde de dar inveja a qualquer mocinho, esbanjando simpatia, seu Dedé segue seus dias a ensinar quem aparece em seu caminho, sempre com muito respeito, amor e sabedoria e é claro, com um sorriso contagiante no rosto.

## **RECEITA de "Composto cicatrizante"**

### **Ingredientes:**

- 300g de casca de mussambé
- 300g de casca de pacarí
- 300g de casca de carvoeiro
- 300g de casca de caraíba
- 300g de casca de pau-terra-de-folha-larga
- 300g de casca de barbatimão
- 300g de casca de jatobá do campo
- 300g de casca de pau santo
- 300g de casca de tingui

**Modo de fazer:**

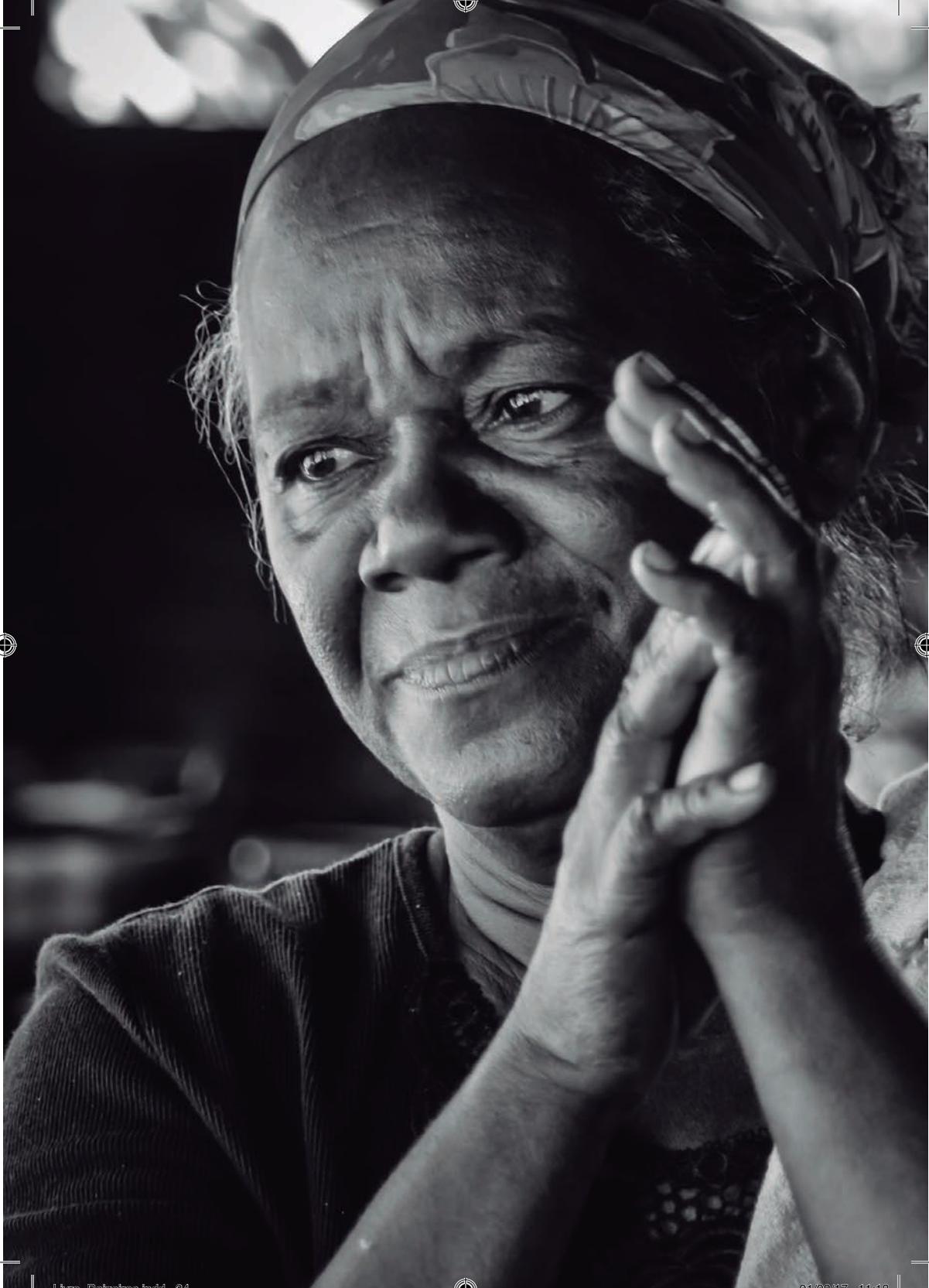
Colocar todas as plantas num tacho e cobrir com água. Cozinhar até a água reduzir pela metade. Coar e voltar para o fogo até ficar na consistência de mel. Espera esfriar e armazena em um vidro de boca larga.

**Modo de usar:** Uso local

**Observação:**

\*Indicação para feridas profundas, feridas de diabetes, escaras, etc.

\*\*Seu Adelídio só faz esse remédio usando sempre o número de sete ou nove espécies de plantas.



# TIA REMÉDIO

## POVOADO DO SERTÃO

Seu nome já diz muito  
Sua vida é curar, remediar, ajudar  
Mãe, mulher, avó, raizeira do cerrado  
A ela caminham os enfermos em busca de paz  
Batem à sua porta para receber seu cuidado  
Para tomar as medicinas que ela mesma faz  
Vem de longe sua escola, é antigo seu aprendizado  
Que aumenta a cada amanhecer, a cada dia  
O que lhe traz determinação e alegria  
Onze filhos, e uma grande revelação  
Na hora do sofrimento, a iluminação  
Coisa de alma, de conexão com o Divino  
Ajuda o idoso, a mulher e o menino  
Auxilia a quem pode sem olhar de onde vem  
Se Deus mandou à sua porta ela sempre diz Amém.

# TIA REMÉDIO E SEU DELCINO

“Tia Remédio”, é assim que Bernardina Afro de Torres é conhecida na comunidade do Sertão, microrregião da Parida, localizada a 36 km do centro de Alto Paraíso de Goiás. Seu apelido já explica sua especialidade de raizeira. Mulher forte, pequena em estatura, mas de coração grande e de muita fé, acolhe a todos que a procura, sempre conectada com Deus, através do contato com as plantas e de suas orações. Seu esposo Delcino Cardoso da Silva, também conhecedor das plantas que curam, tanto do quintal, como do Cerrado; com seu olhar doce e profundo nos mostra um pouco da tranquilidade de sua alma.

Sempre que um dos 11 filhos adoecia, Tia Remédio usava das plantas que conhecia. Como ela lembra, aprendeu com a mãe “curiando”, prestando atenção. Sua mãe era parteira e raizeira e fez a maioria dos seus partos. Conta a Tia Remédio que um de seus partos foi bem difícil. Durante seu sono, na noite do parto, ela teve uma revelação: *“uma mulher disse para eu me apegar a estrelinha no céu, que eu seria muito feliz. Aí, assim que eu acordei, eu tive fé em Deus, olhei pro céu e logo começo a dor”*. *“Delcino fez um chá de cidreira, pimenta de macaco e manjeriçãõ pra eu beber e a bolsa estourou. Ele saiu pra chamar minha mãe, mas ela não pode vir porque tava cuidando de uma neta que passava mal, e mandou ele me dizer, que Deus estava comigo”*. Quando o marido retornou, o filho já havia nascido como sua mãe, Dona Maria, já havia previsto. “Dona Bernar-

da”, como assim também é conhecida, conta que amarrou uma corda no telhado da casa, passou essa corda pelas costas e embaixo dos braços *“que era pra ter força”*, e no chão, colocou uma bacia grande com lençol para aparar o menino. Conta ainda que foi o marido que cortou o umbigo com uma tesoura e queimou a ponta com um garfo aquecido no fogão a lenha *“era assim que fazia antigamente”*.

Bernardina e Delcino casaram-se no ano de 1973. Relata que, de quando se mudou pra onde reside, até o ano de 1979, corria muita água no Rio São Lourenço e na Grotinha, bem nos fundos de sua residência. Foi por volta de 79 que ela se lembra do Rio começar a secar, quando fazendeiros começaram a *“tirar o mato pra por gado”*. Sábica, Tia Remédio diz: *“sem mato não tem água”*.

Quando vai coletar plantas no mato, ela diz que sempre pega com pensamento em Deus, e pede para aquele remédio fazer a cura. Ela explica que hoje em dia se for pegar planta *“o povo do IBAMA quer multar você”*, então ela colhe mais do quintal. *“Tem jatobá, cagaita, tem uns remédios que a gente ainda vê, outros não. O velame branco eu não vejo mais, acabou. Usei muito quando os meninos enchia tudo de caroço no corpo. Sangue-de-Cristo apanhava a folha e cozinava para dar banho e alisar a pele, e a batata fazia o chá para os meninos beber”*, lembra ela. Benzia de quebrante, arca ca-

ída, mas hoje não benze mais, mas faz orações, pois se tornou evangélica.

Conta-nos que quando adoecer, toma remédios feitos com as plantas de lá do Sertão, mas se não melhorar, eles procuram um médico. Relata que há nove anos, Seu Delcino sofreu o primeiro Acidente Vascular Cerebral (AVC), quando ficou cerca de três semanas sem caminhar... *“foi quando ia fazer um mês eu voltei pro Sertão pra tratar dele em casa, porque nós tava em Alto Paraíso. O médico disse que ele não ia caminhar, mas o primeiro médico é Deus, então eu comecei a banhar ele, da cintura pra baixo, que tava inchado, com chá de casca de baru e folha de uma planta que o povo chama de dipirona ou aspirina, umas três vezes, foi aí que logo ele pegou o cabinho de vassoura e foi andando, andando e tá ai até hoje”*. Isso nos foi relatado no início de 2016. Em setembro deste mesmo ano, Seu Delcino sofreu o segundo AVC, permanecendo acamado até o dia 04 de abril de 2017, quando faleceu, deixando muitas saudades para todos que tiveram o prazer de conhecê-lo, especialmente para seus filhos, netos e sua companheira há mais de 40 anos.

Antes do acontecido, tivemos o prazer de ouvir ensinamentos de Seu Delcino sobre a relação da lua com a agricultura. Homem que já plantou roça de feijão, mandioca, e até arroz, que segundo ele, ninguém acreditava que ia dar, mas chegou a colher *“5 sacas”*. Seu Delcino também era entendedor de re-

médios e nos explicou que colheita e plantio, tem que ser de acordo com a lua: *“semente é bom plantar na lua minguante ou crescente. Na nova é danado pra dar broca, aí come a raiz das plantas. Na cheia é só pra fazer colheita. Se plantar roça na lua cheia, só dá folha, já na nova por exemplo, é bom pra dá feijão, cana, bananeira. Mas pra fruta, tanto faz cheia como na nova. Remédio é bom fazer na crescente”*.

Tia Remédio acredita que *“hoje está difícil de ensinar os remédios, porque os médicos não acreditam no remédio caseiro, só nos remédios de farmácia”*. Conta que chegou a tomar remédio de farmácia para pressão alta, mas lembra que *“embrulhava o estômago”*. Então começou a usar chá de folha da cana-caiana e também a folha de amora e se sente bem melhor.

Sua filha caçula, Dena (Adenilza), grande parceira e facilitadora deste Projeto, utiliza diversos chás e macerados que aprendeu com sua mãe. Tem grande interesse no aprendizado sobre as plantas medicinais, e até nos ensina receitas: *“quando eu percebo que uma comida me fez mal, eu faço um café sem açúcar com casca de laranja seca, faço até pro meu filho que só tem quatro anos, e o efeito é muito positivo, se a pessoa tiver vomitando, corta rapidinho”*. *“Eu também tomo sempre o algodãozinho do campo porque eu sei que é bom para problemas no útero. Quando tenho a sensação de inchaço no estômago por ter tomado comprimido de farmácia, tomo logo erva*

*cidreira (Lippia alba) macerada na água. Também tomo assim quando estou com insônia”.*

Dena ainda nos relata que bem no início de sua gravidez, sentia fortes dores no baixo ventre, que se irradiavam para as pernas. Por volta de 40 dias de gestação, sua mãe lhe fizera um chá de mentrasto que foi como *“tirar com a mão”*. Após ter tomado o chá uma única vez, Dena se livrou das dores que a incomodava seriamente há dias. E foi por essa e outras ocasiões que Dena tem aprendido sobre o poder de cura dos vegetais e faz o uso corriqueiro do jardim medicinal que é o nosso Cerrado, e assim, valoriza e busca auxiliar na perpetuação do ofício de sua mãe.

É comovente escutar Tia Remédio dizer: *“se eu soubesse escrever, eu até fazia uma redação pra falar da tristeza que eu passo. Tem dia que eu sento na beira do rio que, agora tá sequinho minha filha, e choro, choro, pensando o tanto que aqui tinha água... Meus menino foram tudo criado aqui, pegando peixe no fundo de casa. Tinha pião, traíra, corró... todo mundo comia peixe frito, hoje, não tem mais nada”* – lembra ela saudosa. *“Tem água no tanque pra lavar, mas nunca que é igual do rio. No rio é mais saudável né... meus menino, tinha dia que sumia pra berada do rio, derrepente, aparecia com as vareta cheia de peixe, tinha um que dizia: mamãe, nem precisa de carne hoje”*. Tia Remédio ainda diz: *“quem está acabando com o mundo é o homem”*.

## **RECEITA contra sinusite, infecção de garganta e resfriado ("para soltar o catarro")**

### **Ingredientes:**

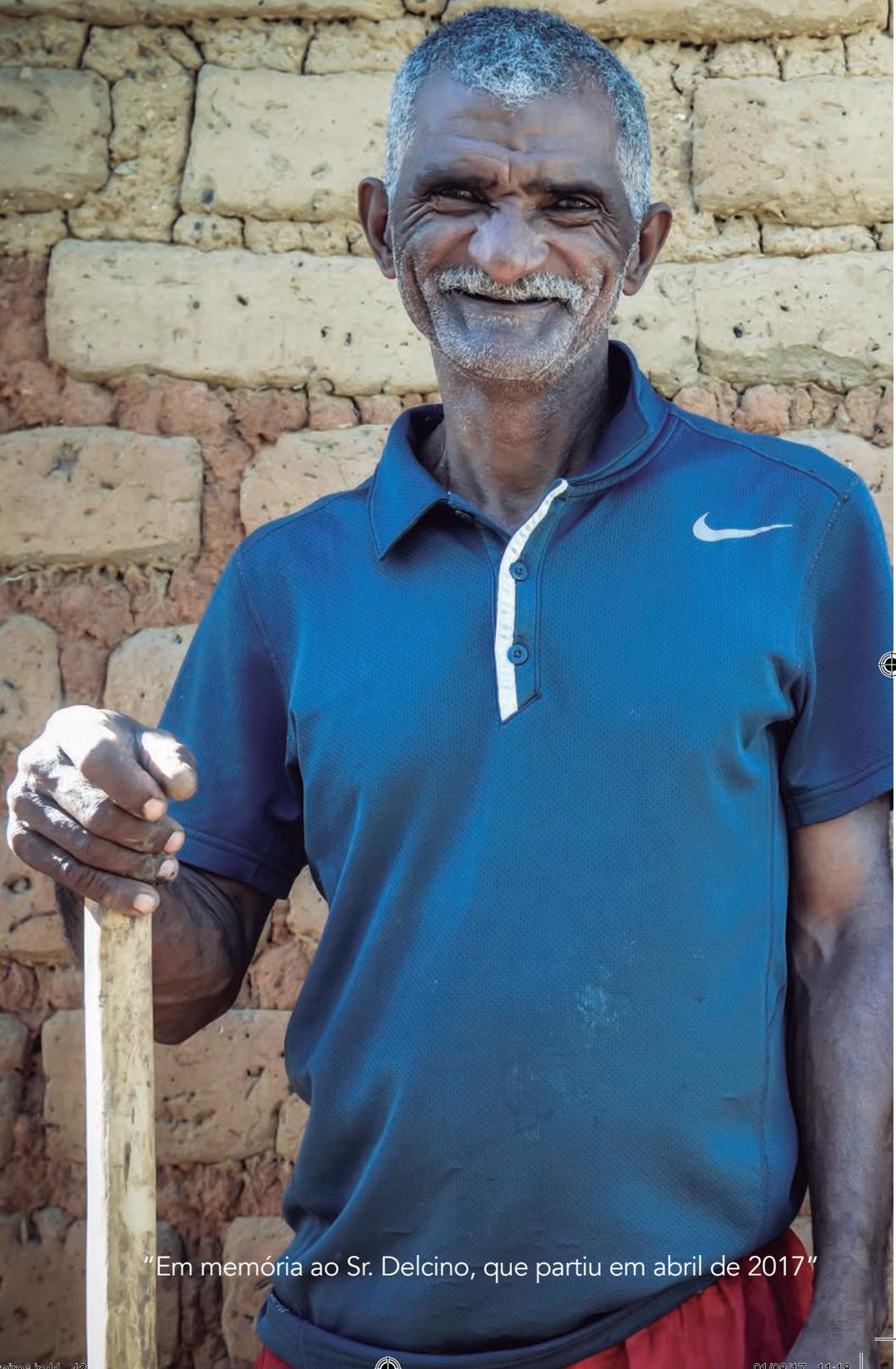
- 1 litro de água
- 1 colher de chá de sal
- 1 vasilha de um litro cheia de folhas de aroeirinha

### **Modo de fazer:**

Pegue um bom galho de aroeirinha (Gonçalo do campo, pequeno porte), que tenha muitas folhas pra encher uma vasilha de um litro (galhos finos também podem entrar na receita). Coloque pra ferver com água (aproximadamente um litro) e uma colher de chá de sal. Quando levantar fervura, desligue e aguarde esfriar.

**Modo de usar:** Gargarejar e lavar a cabeça. Para beber, é só um cálice ao dia, por um ou dois dias. Segundo ela, *"o catarro mal cheiroso sai todo e a melhora é rapidinha"*.

\*Tia Remédio ainda nos ensina um chazinho especial para *"quando a regra não vem"* (mulheres com o ciclo menstrual atrasado): *"você pega uns galinhos de quitoco e o mesmo tanto de um manjeriço de folha esbranquiçada bem miúda e cheirosa, que eu tenho no quintal, joga água fervendo em cima, espera esfriar e bebe. Logo, logo desce"*



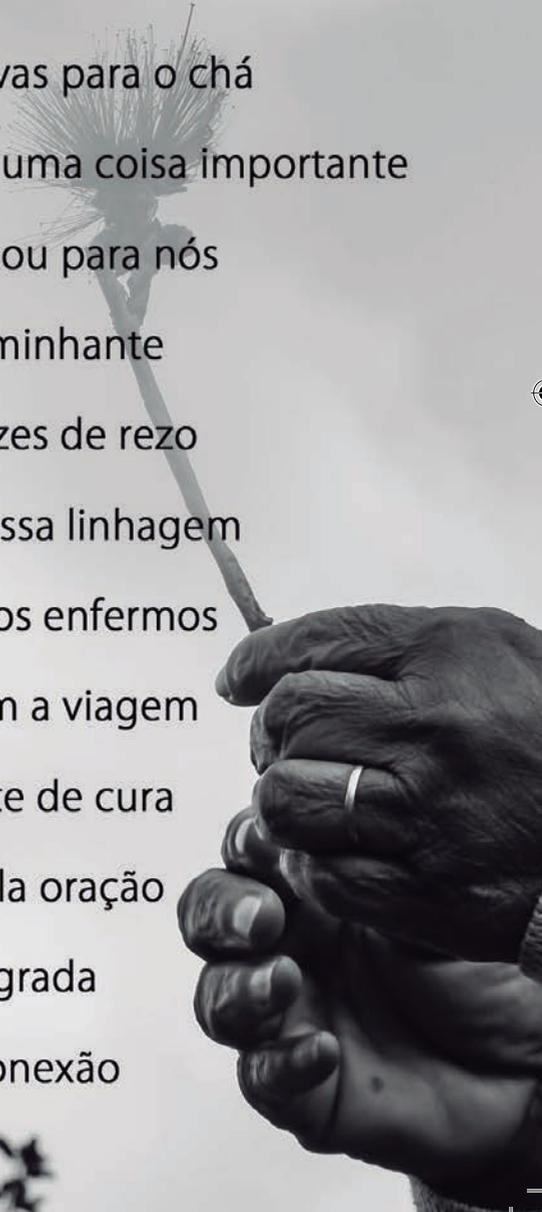


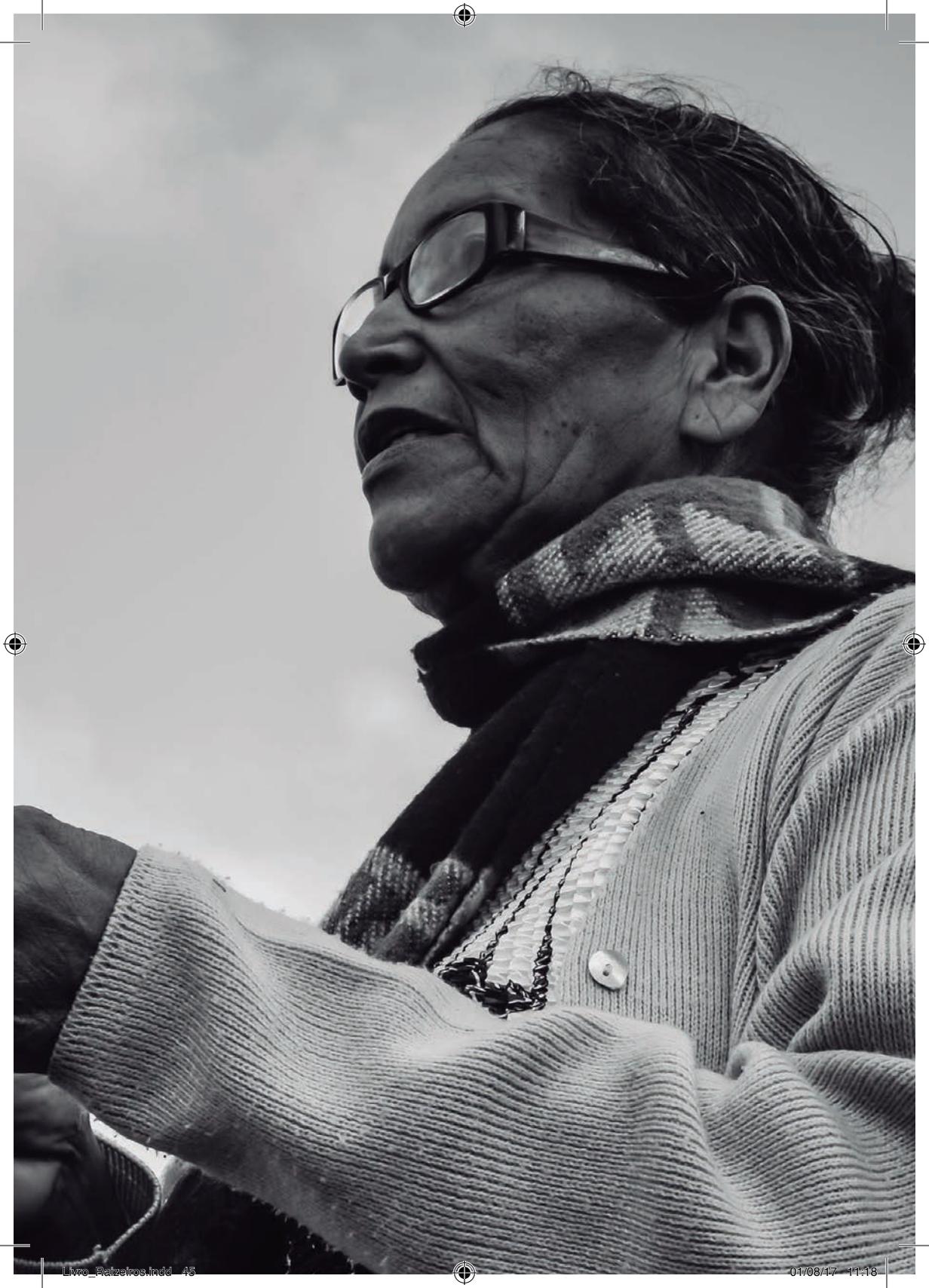
Seu Delcino & Tia Remédio

# DONA DOMINGAS

## ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Enquanto colhe as ervas para o chá  
Ela lembra que benzimento é uma coisa importante  
Foi o que Deus deixou para nós  
Para todo ser caminhante  
Buscando aprendizes de rezo  
Para seguir adiante essa linhagem  
Que traz calma aos enfermos  
Para que prossigam a viagem  
Amor a Deus, fonte de cura  
Pelas plantas, pela oração  
Sabedoria sagrada  
Exemplo de conexão





# DONA DOMINGAS

Domingas Mariano de Souza, raizeira, parteira e benze-deira, nasceu na fazenda Bom Sucesso (Povoado do Moinho), município de Alto Paraíso de Goiás em 22 de novembro de 1949. Filha de Seu José Mariano e Dona Bilú, foi a única dos cinco irmãos que se interessou em herdar o ofício de parteira e benze-deira de sua mãe.

Mãe de cinco filhos, católica, desde menina sentia a ne-cessidade de fazer *“alguma coisa na vida”*, algo que pudesse ajudar as pessoas. Quando moça, não se sentia com respon-sabilidade suficiente para tamanha missão, esperou ficar mais madura para se dedicar. Então, por volta dos 20 anos, quando se casou, começou de fato a exercer o ofício de raizeira, dando início também ao benzimento.

Segundo ela, *“Deus tocou na minha mente que eu conti-nuasse as orações, que eu tinha um dom muito grande pra aju-dar”*. Dona Domingas então passou a acolher crianças e adultos com suas orações, garrafadas, chás, mãos e coração de parteira.

A força de sua fé e de sua intuição é direcionada para ‘enxergar’ o que cada um busca e precisa quando chega até ela. No entanto, Dona Domingas faz questão de deixar claro que ela não faz nada *“quem faz é Deus”*, tudo é encaminhado pela *“providência divina”*.

Cuida de seu quintal com esmero, local que escolheu com amor para receber as pessoas e fazer as benzições: banqui-

nhos sobre um chão de terra bem varrido; sob a sombra de árvores que margeiam um pequeno leito efêmero; vento gostoso que sopra. *“Vai ali naquele ramo minha filha (e Dona Domingas aponta para o pequeno arbusto na mata), pega três folhas e traz aqui pra mim”* – diz ela antes de começar a benzer.

Para benzer os adultos, ela diz ser necessário se preparar, tendo sempre a proteção divina como guia, porque criança é inocente, adulto não. *“Criança benze não tem hora do dia ou da noite, porque elas são puras”*. Ela ainda conta que para benzer, não é apenas repetir palavras decoradas, mas, *“é preciso passar por um batismo, onde a pessoa prepara uma cama toda branca, com lençol branco e se veste toda de branco, com um pano na cabeça. Essa é a cama da levantação de Deus. Daí eu vou falando as palavras, a pessoa vai respondendo e no final eu digo: Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, você está batizada para começar os seus trabalhos de cura”*.

Aprendeu a reconhecer algumas plantas medicinais com sua mãe, contudo usou muito da sua intuição para ampliar seus conhecimentos. Trabalha com amor, devoção e consciência, com as raízes do cerrado e as plantas do quintal. Nunca retira um remédio da terra sem antes pedir licença - *“eu peço licença pra Deus, eu oro pra que nasça outra logo, assim que a próxima chuva cair”*. Sempre tem cuidado para que a planta possa rebrotar, não arrancando raízes inteiras.

Toda vez que alguém recorre aos seus cuidados, Dona

Domingas ouve atentamente, observa, estuda as plantas que são úteis e pede a benção divina para que elas funcionem - *“para a fé, nada é impossível”*.

Equilibra a força das raízes (plantas fortes e plantas fracas) em suas garrafadas - feitas especificamente para cada pessoa que a procura. Mama cadela, carobinha, sangue de cristo, velame branco, café de bugre, barbatimão, e tantas que são até difícil de lembrar. Sal grosso benzido na Sexta feira na paixão. Arruda, Guiné, Mastruz e a folha do Algodão. Tudo isso faz parte do universo de ajudar de Dona Domingas.

Fez o primeiro parto com a mãe, aos 33 anos, e até perdeu as contas de quantos partos já fez até hoje. Recomenda para o momento em que as dores se iniciam tomar banho com a folha de pequi (para acelerar o parto), beber o chá de canela e comer ovo cozido mole com uma pitada de pimenta do reino. *“Quem bem soubesse comeria mesmo um pedacinho da placenta, pois é uma força para a mulher”*.

Já sofreu preconceito devido ao seu ofício: *“Minha filha, já fui chamada de feiticeira na rua”*. Mas também já foi convidada por um médico para trabalhar em São Paulo com as plantas medicinais. Vez ou outra chegam em sua porta pessoas de outras cidades para benzer (Goiânia, Brasília, São João da Aliança).

No *“I Encontro de Raizeiros e Pajés na Chapada dos Veadeiros”* Dona Domingas, junto com Dona Páscoa, foi

exemplo de dedicação e disposição, benzeu filas e filas de pessoas, sempre embaixo de alguma árvore. Na Aldeia Multiétnica ou na Associação dos Moradores de São Jorge, elas ficaram horas seguidas, de pé, inspiradas pela missão recebida e acolhida em seu coração. Ela benze, conta o que vê, o que está a atrapalhar o caminho e indica a direção para firmar o bem e a saúde.

Tem o sonho de ter uma casinha de oração e benzi-mento no seu quintal. O sonho segue com a vontade de ensinar, de passar para frente os seus conhecimentos e aprendizados para que mais pessoas possam fazer o bem umas as outras. Segundo ela o mundo está do jeito que está, porque o homem se preocupa mais com dinheiro, orgulho, e vontade de ser melhor do que os outros. E diz – *“Deus não quer isso, Deus vê o que está no seu coração”*. O seu filho caçula quer aprender a benzer, mas em geral, vê que o interesse das pessoas é muito pouco. *“Se o povo da Terra toda se interessasse pelo benzimento, a vida de todos seria diferente”*.

## **RECEITA de "Garrafada Depurativa do Sangue"**

### **Ingredientes:**

1 raiz de sangue-de-cristo

1 raiz de carobinha

1 raiz de valame-branco

1 pedaço pequeno da entrecasca da raiz de mama-cadela (burré), mais ou menos do tamanho de "uma polegada" (3g)

### **Modo de fazer:**

Pegar todas as plantas e colocar numa garrafa de vidro escuro (ambar, verde ou azul). Colocar vinho branco, pinga ou suco de uva integral até cobrir.

Abrir um buraco no chão, onde tenha sol, enterrar a garrafa deixando só um pedacinho do bico pra fora. Tampar a "boca da garrafa" com um filó ou vual para não entrar insetos.

Deixar três dias enterrada para curtir.

### **Modo de usar:**

Tomar 1 cálice (30 ml) três vezes por dia, até acabar.





# DONA FLOR

## POVOADO DO MOINHO

Flor é um nome perfeito para ela  
Prova de que a intuição que ela tem veio de longe, veio no sangue  
Flor rima com amor, mas rima também com a dor do parto  
Que ela soube acolher como ninguém  
Pelas suas mãos firmes e cuidadosas mais de trezentas vidas vieram ao mundo!  
Com seu sorriso puro e seu olhar penetrante, ela desvenda teus segredos  
Sem que você diga nada. Te olha nos olhos e intui.  
Se faz canal da verdade divina.  
Suas mãos preparam ainda, geleias deliciosas e orgânicas  
Seu amor produz medicinas naturais  
que ela colhe da sabedoria ancestral  
com a sapiência de quem chama todas as plantas pelo nome  
Nesse Cerrado florido de eternas primaveras  
mais do que uma mulher de fibra, um exemplo de coragem e amor  
Ela é uma entidade da chapada!  
Ela é a nossa mais linda flor!

# DONA FLOR

Florentina Pereira Santos, mais conhecida como Dona Flor, é referência tanto pelo seu trabalho de raizeira, como de parteira. Nasceu no dia 2 de fevereiro de 1938, na fazenda Santa Rita à 4 km do Moinho, localizado no município de Alto Paraíso de Goiás. É descendente de quilombola, ciganos e indígenas.

Foi aos nove anos de idade que Dona Flor realizou sua primeira atividade como raizeira, quando sentiu que deveria visitar sua tia, a quem chamava de “Mamãe Moura” e a encontrou sozinha em casa, sofrendo de um ataque epilético. Dona Flor, com a inocência de uma garotinha, cuidou de sua tia sozinha, dando remédios naturais que ela intuía ser o melhor.

*“Na hora da emergência sempre eu tava junto. Mas é como diz né, Deus dá dom pra nós tudo, nós temo é que desenvolver”.*

A partir daí, Dona Flor passou a aprender cada vez mais sobre as plantas medicinais e a ajudar quem necessitava. Seu aprendizado se deu muito pela intuição, observação da natureza e da conexão que ela tem com as plantas.

Desde os seus 11 anos de idade começou a trabalhar para ajudar no sustento dos seus sete irmãos e de sua mãe. Seu pai tinha abandonado a família não lhe deixando a opção de estudo. O sustento de sua família passou a depender então de seu trabalho.

Sua conexão com o mundo das crianças vem desde muito nova, quando ajudava sua mãe com seus irmãos menores.

Sua primeira experiência com o parto foi por intuição, aos 18 anos de idade, auxiliando sua própria mãe a dar a luz. Passado dois dias em trabalho de parto, Dona Flor já angustiada e com medo que sua mãe morresse, encontrou forças e seguiu “a voz” que a instruía. Foi então que se iniciou a sua extensa trajetória como parteira. Através de suas cuidadosas mãos, trouxe ao mundo mais de 329 crianças, destreza que aprendeu sozinha, e como ela mesma diz: *“foi eu e Deus”*.

Aos 19 anos quando se casou com Seu Donato, parou de trabalhar na casa dos outros. Ele também era um grande raizeiro e juntos saíam no Cerrado para coletar as plantas medicinais. Tiveram 18 filhos, sendo que ela mesma fez todos os seus próprios partos. Sempre disposta a ajudar, também adotou 27 filhos e amamentou 56 crianças, além das que pariu.

*“Minha mãe nunca foi escrava. Meu pai era, minha vó era e eu também fui escrava. Fui não, sou. Eu sou escrava até hoje. Eu não tenho hora pra deitar, não tenho hora pra levantar, eu não tenho hora certa pra atender ninguém, a hora que chegou, pra mim tá bom, mas eu fui escrava. Eu saí da casa dos meus pais eu tinha 11 anos de idade, e parei de trabalhar na casa dos outros eu tinha 19, saí pra casar. Aí teve a escravidão de família, tive que cuidar de marido, que cuidar de filho, dos meus e dos outros. É uma escravidão, só que eu sou alforriada, só faço quando eu quero, quando eu não quero ninguém manda eu fazer que eu não faço”*.

Dona Flor comercializa seus produtos em uma pequena

loja na frente de sua casa no povoado do Moinho, a 12 km de Alto Paraíso de Goiás: doces, geleias, garrafadas, vermífugos naturais, rapadura, farinha, ovos e artesanato.

E seguindo esse caminho de curas naturais, Dona Flor acredita que devemos carregar essa expectativa de trabalhar com a natureza, com as plantas, com as tradições e a alimentação natural e, a partir disso, ela possui um vasto conhecimento sobre como respeitar o tempo da natureza, pois, segundo ela: *“há um momento pra plantar e pra colher, e se você respeitar ela (a natureza), ela vai te respeitar também.”* *“A gente tem que jejuar, tem que orar, tem que chegar no lugar e pedir licença, procurar a hora certa de chegar, a hora certa de sair, a hora certa de colher as ervas.”*

Foi a primeira moradora a receber o título de “Celebridade do Alto”, em 2015. Seu discurso foi sobre as melhorias no qual a cidade necessita, dentre elas, a conservação da natureza e das tradições que estão se perdendo, como o parto em casa de forma tradicional com parteiras. Ressaltou a importância da preservação das águas, da manutenção dos rios limpos, sem estações de tratamento de esgoto que possam poluir... *“a água é a mãe da cura, por isso que eles (os governantes) querem sujar ela. Como é que vai jogar cocô no rio, e depois vai querer jogar produto dizendo que vai limpar? Limpa é do jeito que Deus deixou pra nós...”*

Dona Flor, com seu olhar penetrante consegue olhar muito mais que o físico. Relata ser guiada por uma voz que

a orienta sobre as plantas, suas funções terapêuticas, assim como a instruía durante os partos. Construiu sua vida em um lindo caminho de espiritualidade, humildade e ajuda ao próximo. Hoje, aos 79 anos, o que não lhe falta são histórias e conhecimentos para repassar.

*“Não me vejo melhor que os outros. O que engrandece a gente não é a gente, é o que a gente faz, é o amor da gente, é a educação da gente, é a recepção da gente, é a gente não ser racista, não discriminar ninguém, não ter escolhas de pessoas pra servir, pra conversar. Pra mim, minha religião é Deus, eu não olho religião”* (falando sobre a discriminação religiosa).

## **RECEITA de “Garrafada da Mulher”**

### **Ingredientes:**

Algodãozinho do campo – 3g de raiz seca (desidratada)

Alho – 1 dente pequeno

Amaroleite – 3g da batata (raiz)

Barbatimão – 4g de entrecasca

Baru – 3g de entrecasca

Bureré – 3g casca da raiz

Canela em pau – 2g

Cânfora do cerrado - 1 raiz

Carrapicho de ovelha – 1 raiz  
Catuaba do campo (alecrim do cerrado) – 1 raiz pequena  
Catuaba do cerrado – 3g de entrecasca  
Cravo da índia – 1 colher de café (botão floral seco, que se compra em mercados)  
Gengibre descascado – (mesmo tanto da nós-moscada)  
Imburana – 3g casca  
Inhame cru descascado – uma colher de café cheia  
Ipê roxo – 3g entrecasca  
Jatobá – 3g entrecasca  
Maçã de algodoeiro de quintal – 1 desidratada (botão fechado)  
Mastruz – 1 raiz  
Mentrasto – 1 raiz  
Mulungu – 8g de entrecasca  
Nós-moscada –  $\frac{1}{4}$  de uma semente  
Pé de perdiz – 1 raiz  
Salsaparrilha – 4g raiz  
Salsinha de horta – 1 raiz  
Sucupira – 1 semente  
Tiú – 3g da batata (raiz)  
Velame branco – 4g raiz seca  
1 Garrafa de vinho branco

**Modo de fazer:**

Colocar todas as raízes numa garrafa de vidro escuro, colocar o vinho branco por cima até cobrir  $\frac{2}{3}$  (dois terços) da garrafa e completar com  $\frac{1}{3}$  (um terço) de água potável (preferência mineral) e deixar curtir por uma semana.

Quando faltar "1 dedo" (mais ou menos 1cm de líquido) pra acabar, torne a encher de vinho branco, dessa vez, na proporção de  $\frac{3}{4}$  (três quartos) de vinho para  $\frac{1}{4}$  (um quarto) de água. Acabando a segunda garrafada (também quando faltar "1 dedo"), a terceira e última, deve ser cheia de vinho branco puro até cobrir as plantas.

**Modo de usar:**

1 colher de sopa 3 vezes ao dia, em jejum (antes das refeições)

**Observações:**

\*Seguindo as orientações de Dona Flor, as plantas que não estão escritas que devem estar secas ou desidratadas, podem ser usadas frescas também, já as que estão escritas, essa orientação deve ser respeitada.

\*\*As espécies utilizadas, podem variar um pouco conforme a época do ano ou a intenção.

\*\*\* Mulheres grávidas ou menstruadas não podem fazer o uso dessas garrafadas. Dona Flor alerta que durante a menstruação, a mulher tem que interromper o uso, depois que o fluxo cessar

ela volta. Orienta ainda que durante o período que a mulher estiver tomando a garrafada, ela não pode comer: pimenta, queijo, pizza, carne de porco, peixe de couro, nem beber refrigerante ou bebidas alcoólicas e nem fazer uso de maconha. O uso também é contraindicado para mulheres com menos de 30 anos, “a não ser em caso de emergência, e não por vaidade”

\*\*\*\*Dona flor manipula essa garrafada há décadas, usando a apenas medidas em “*lasquinhas*”, no olho, na intuição e na graça. Seu uso é consagrado pela comunidade e visitantes que vêm de longe só para buscá-la. No entanto, resolvemos fazer o uso de uma balança para ter uma noção de peso de cada “*lasca de pau*” escolhida e utilizada por Dona Flor. Cada *lasquinha* foi pesada, o que resultou na quantidade de gramas descrita acima.

E encerra essa receita nos deixando o versículo:  
“*Quem crê no Senhor Jesus, será salvo tu e tua casa*”

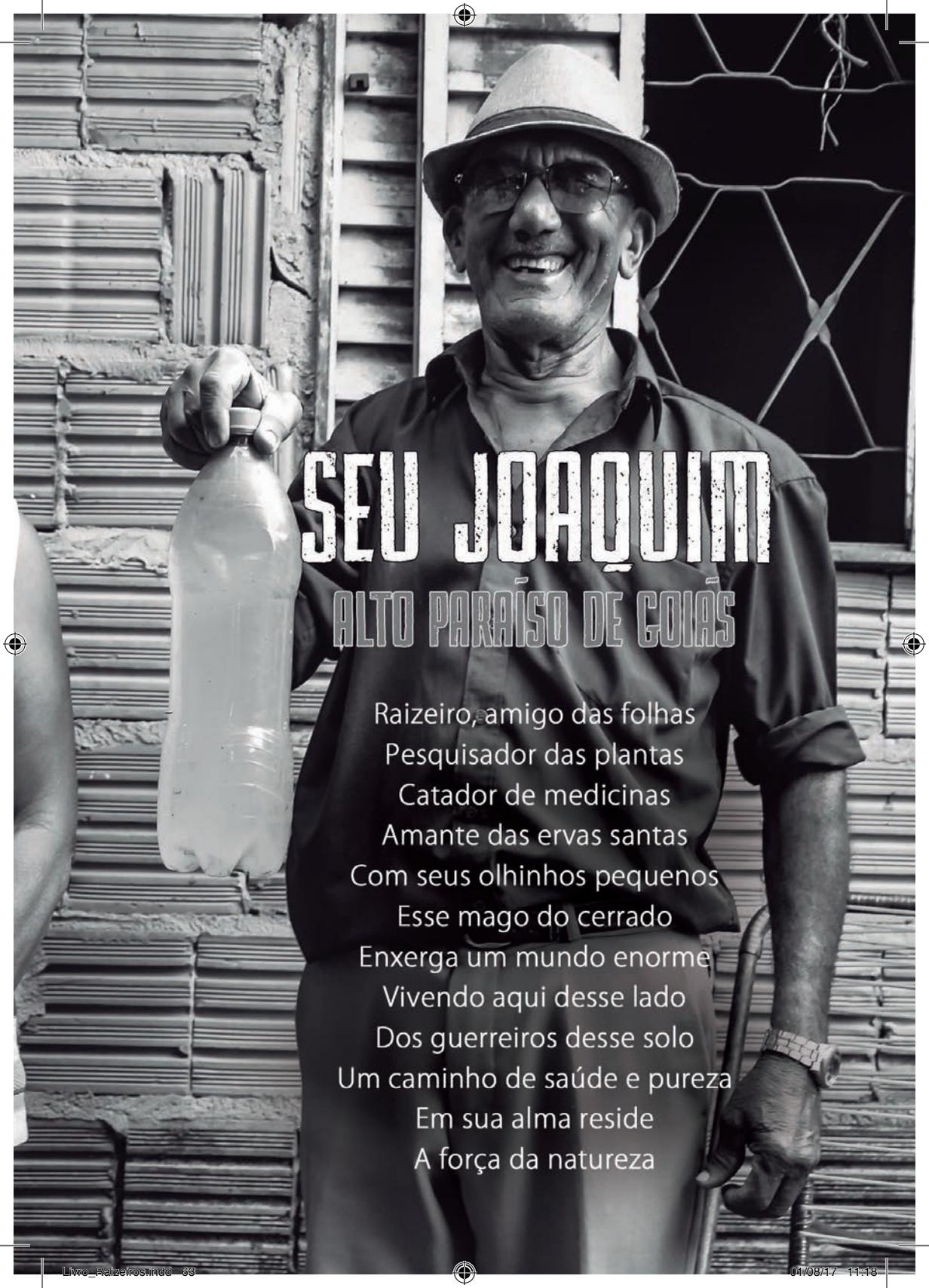




# DONA MARIA

## ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Maria é um nome sagrado  
Comum no Brasil, mas sempre abençoado  
Simplicidade e beleza num só lugar  
Maria é conjugação do verbo amar  
Seu carinho pelas plantas  
Ela carrega no peito  
Para as doenças aqui na terra  
Sempre se pode dar um jeito  
Amor de mãe, de mulher pura  
As vezes usa a raiz, as vezes a entrecasca  
Para cada problema existe uma cura  
Tem vezes que um punhado de folhas já basta  
Ciência completa, de cuidado sem fim  
Agradecendo a Deus pelas bênçãos,  
que Ele sempre mandou pra mim.



# SEU JOAQUIM

## ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Raizeiro, amigo das folhas  
Pesquisador das plantas  
Catador de medicinas  
Amante das ervas santas  
Com seus olhinhos pequenos  
Esse mago do cerrado  
Enxerga um mundo enorme  
Vivendo aqui desse lado  
Dos guerreiros desse solo  
Um caminho de saúde e pureza  
Em sua alma reside  
A força da natureza

# SEU JOAQUIM E DONA MARIA

Joaquim Inácio da Mota, mais conhecido como Seu Joaquim ou “Momboca” pelos amigos de longas datas, nasceu em 31 de maio de 1940, na zona rural de Alto Paraíso de Goiás. Casado há 47 anos com Maria Joana Lopes de Abreu, nascida em 26 de agosto 1948, na região de Boa Vista, também município de Alto Paraíso de Goiás, indo para São Jorge. Juntos, formam um belo casal de raizeiros que esbanja simpatia.

Seu Joaquim, assim como Dona Maria, sempre teve uma vida de muita labuta, como ele mesmo lembra: *“nascemo os dente plantando mandioca”*. O casal teve um início de muito trabalho nas lavouras da região. Seu Joaquim conta que *“Primeiro, nós foi morar num lugar que chama ‘Rodiator’, plantando arroz, depois no ‘Cava saco’, depois milho no ‘Matão’, trazendo no cargueiro, pra engordar porco. Óleo não tinha, asveis aparecia a granel, tirava no tambor aquele bichão sujo, comprado, ou era sebo de gado pra misturar nesse óleo pra cumê, ou então matava porco, quando matava porco ficava comendo gordura de porco tranquilo, muito tempo, e nós, vivia assim...”*

Moraram em vários lugares, buscando uma melhora de vida, chegaram a morar na Fazenda *Bona Espero*, depois preferiram retornar para a antiga morada. Os anos se passaram e aos poucos o casal foi construindo sua pequena casinha, vendendo a colheita da roça que trazia no cargueiro. Seu Joaquim ficava cinco dias da semana longe e voltava sábado e domingo para casa, enquanto Dona Maria cuidava dos dois filhos. Foi vendendo dois sacos de feijão de 100 litros que conseguiu comprar a

bicicleta que usa até hoje. Ambos já se aposentaram, mas seu Joaquim ainda trabalha na lavoura, sempre indo e voltando de bicicleta, de segunda a sexta *“correndo na carreira”*. Sexta frequentam o grupo de idosos. Aos domingos vão à missa.

Essa vitalidade que tem hoje aos 76 anos de idade lembra seu Joaquim *“eu não tinha nos meus 15 anos de idade”*.

Seu Joaquim, ou *“Momboca”*, como ele mesmo gosta e acha graça de ser chamado, diz que aprendeu das plantas um pouco aqui e ali, velame branco, sangue de cristo, caroba e puxa-puxa. Alguns benzimentos aprendeu com o tio que, segundo ele, era o maior benzedor da região do Vão de Colinas, Sirilo, que morreu há cerca de cinco anos. Seu Sirilo o ensinou a benzer de espinhela, arca caída, pra estancar sangue e hemorragia.

Seu Joaquim ensina que antes de todo benzimento, o benzedor tem que fazer uma oração, pedindo a Deus a força pra benzer, e a oração que ele faz é a seguinte: *“Ó Senhor, quero que vós me dê força pra benzer. Faço o nome do Pai e benzo”*. Em todos os benzimentos, Seu Joaquim repete a fala três vezes. *“Pra sangue você tem que admirar três vez: ‘Virgem Nossa Senhora, tanto sangue! Virgem Nossa Senhora, tanto sangue! Virgem Nossa Senhora, tanto sangue!’ Aí fala as palavra: ‘Assim como o sangue do ventre de Maria parou, bem assim será esse sangue, vai parar agora’, fala três vez também”*.

*“Pra arca caída, com um pano ao redó da cintura, segurando*

*com a mão direita na frente, amarrado frouxo, cada vez que fala, dá uma apertadinha e ergue um pouco a pessoa, você fala assim: 'Quando Deus andava pelo mundo, levantando três parcela, arca, campainha e espinhela'. Mas antes de falar, faz o nome do pai e faz oração e pede a Deus primeiro. A arca dá uma dor no estômago, vomitadeira, dor de cabeça" ... a pessoa benzida não pode pegar peso naquele dia, nem abaixar a cabeça, ficar agachando".*

*"Cobreiro, se eu for benzer em qualquer um de vocês, voçeis aprende o benzimento; eu pergunto: 'o quê que eu corto', aí vocês tem que falar pra mim, cobreiro brabo, aí eu falo, eu corto a cabeça e o rabo', fala treis veis, que sara". "Num pilão deitado, com um machado, faz o gesto como se tivesse cortando a cabeça e o rabo".*

*"O benzimento de engasgar: 'estrela má, estrela rota, tira o mal dessa gota', e dá um tapinha na garganta, a cada uma das veiz que fala, aí a gota sai do lugar ou então desce.*

A mãe de Seu Joaquim benzia "de garganta", quando a pessoa estava engasgada, foi ela que o ensinou tal benzimento. Seu irmão benze de picada de cobra e aprendeu com o tio. Também se recorda de seu primo que era raizeiro e benzedor, Seu 'João de Tiodora', muito famoso na Vila de São Jorge. "Uma vez descobri que eu tava macumbado, eu fui lá e ele me benzeu, só que a macumba passou para ele. Ele mesmo benzeu ele e melhorou depois do banho de rio. Sabia quase todo o tipo de

*benzimento, fazia garrafada pras pessoa, não tinha remédio que ele não fazia. Ele me ensinou sobre o velame branco, sangue de cristo, caroba, essas coisa assim que ele me ensinou”.*

Tanto para Dona Maria como Seu Joaquim, tem dia certo pra coletar e benzer. Pra eles, coletar planta e benzer não pode ser no sábado. Para arca caída, só pode ser “de cedo até meio dia”, pois segundo ele, “a medida que o sol vai levantando, a arca também vai, e depois que o sol vai abaixando, a arca cai também. Pra benzer no sábado não vale nada, mas se uma mulher tiver com hemorragia no sábado, a gente benze, depois vai benzendo otraveis e vai parando aos poucos, por que aí não pode esperar meio de semana senão ela morre”.

Dona Maria conta que “remédio dado não pode ferver, se não a planta morre tudo. Se a pessoa ferver lá na casa dela, a planta da gente morre aqui”.

*“Mulher menstruada não pode soltar cabeça de alho, se não ela vai ter alguma coisa parecida com a cabeça de alho. Não pode soltar caroço de algodão, a barriga cresce, como se tivesse uma criança. Mulher menstruada não pode nem fazer remédio pra outra pessoa. Não pode saltar corda amarrada e nem cabeça de quiabo jogada no quintal, não pode pular bosta de cavalo, tem que ter muito cuidado pra andar, a mulher menstruada tem que ter cuidado”.*

Seu Joaquim tem sua própria ciência. Para ele, o benzedor só deve benzer uma pessoa por dia, que é *“pra não perder as forças”*. Para arrancar planta pra remédio, *“se deixar o buraco aberto, aquele remédio não vale nada pra pessoa que vai usar, tem que voltar e tampar o buraco”*.

*“As doença de antigamente era mais diferente, hoje tem mais é câncer. O povo procurava mais era por causa de gripe, dor de cabeça, novidade no estômago e procurava pra gente que remédio que era bom e a gente falava”*.

Dona Maria conta que quando era pequena, ficava reparando parentes mais velhos (mãe, avó e tias) *“rancando remédio”* e *“ia vendo pra quê que servia”*. Conta que, por volta dos 14 anos, foi acometida de *“maleita”* (malária) e um primo junto com sua mãe arrancou a raiz de uma planta amarga conhecida como *“kalunga”*, amassaram e deram uma *“copada”* de chá pra ela beber. Segundo Dona Maria, no outro dia já não sentia mais *“aquela friagem danada”* que ela estava sentindo antes.

Preocupada, Dona Maria faz quase um apelo aos mais jovens; *“é bom aprender né, porque os mais véi vai acabando, então os mais novo tem que ir aprendendo os remédio, por que uma hora precisa”*.

Dona Maria se lembra das experiências ruins que ela e alguns de seus amigos já tiveram no hospital. *“Uma vez quase amputaram meu pé, falando que era por causa da minha diabetes que eu num sarava, mas quando eu fui em outro médico,*

*não era nada disso, era anemia e falta de circulação. Já pensô numa coisa dessas? Quase que eu fico sem um pé, se eu num temo com o povo do hospital ”. Seu Joaquim logo rebate rindo: “No hospital só tem duas coisas boas: o carro para levar a gente e a ordem pra mode sair.”*

Seu Joaquim conta do caso em que soube de dois idosos com pneumonia no bairro de cima, que já estavam desenganados pelos médicos. Então decidiu fazer o café da semente torrada da vinagreira e levar para eles tomarem. *“Torrei, muí, levei lá pra eles. Eles fêis, usô duas veiz, curô que é uma beleza, tá vivo até hoje. Abaixo de Deus, quem curô foi a vinagreira”. “No hospital às vezes cê vai lá, eles dá uma injeção errada e a pessoa até morre”.*

*“Chá de foia de vinagrera é uma beleza pra quando a pessoa tá tussindo, Joaquim toma direto. Ele usa pau pelado, que o povo fala que é bão pra câncer, laranja da terra cortada na água é bom pra vesícula e pro estômago”, diz Dona Maria.*

O quintal de Maria & Joaquim é repleto de plantas que usam para curar: erva cidreira, vinagreira, pau pelado, laranja da terra, lágrima de nossa senhora, pinhão roxo, entre outras. *“Todo dia eu uso erva cidreira pra baixá pressão, e só uso rapadura, porque açúcar tem muita composição, só uso rapadura”, diz Dona Maria, por causa da diabetes que adquiriu.*

*“Tem muita planta que tá difícil: confrei, velame branco, tiberna... O confrei a gente pega a folha machucada com um pouquim de sal e põe em cima da pancada, é bão. Antes*

*eu pegava muita planta, agora as vista tá ruim, por causa da diabete é perigoso machucá o pé, eu não saio mais pro mato não. A cabeça também já tá ficando ruim”.*

*“Velame branco, sangue de cristo, tiborna, bureré, caroba, tudo eu punha na garrafada pra mim, agora não acha essas planta mais, só a coroba que ainda vê. O povo arrancou esses remédio aí tudo. Capinô, passô trator. Também tinha raizeiro que rancava tudo até pra vender pra longe, tirava todo dia, aí acaba com tudo, se num tivé cuidado”.*

*“Tem planta que é machucada, outras é no álcool: imbé, succupira, cravo-de-difunto, gengibre. Onde você tiver com uma dor no joelho, você passa a raiz de cravo-de-defunto no álcool, 7 dias curtindo, depois passa pra acabar com a dor”.*

Procurada para dar remédio, mas também gosta doar mudas, pois como ela mesma diz: *“hoje eu tenho, você não tem, se amanhã eu não tenho, eu sei para quem eu dei a muda, então eu sei onde eu vou buscar.”.*

## **RECEITA de “Raizada depurativa”**

### **Ingredientes:**

1 colher de sopa de raiz de velame-branco (machucada se for fina, rapada se for grossa)

1 colher de entrecasca rapada de puxa-puxa (conhecida como mama-cadela ou bureré)

- 2 raízes de tiborna "machucadas"
- 2 raízes de sangue-de-cristo "machucadas"
- 2 raízes (só a entrecasca da raiz) de carobinha
- 2 raízes de pé-de-perdiz
- 1 garrafa de vinho branco

### **Modo de fazer:**

Colocar as raízes num vidro escuro, colocar o vinho branco por cima até cobrir e deixar curtir de 10 a 21 dias. Quando acabar, se ainda for necessário, pode encher a garrafa com vinho mais uma vez e repetir o uso.

### **Modo de usar:**

1 cálice 3 vezes ao dia, até acabar.

Observações: Seu Joaquim e Dona Maria ainda nos conta que essa pode até ser considerada uma "garrafada da mulher", uma vez que tem um ótimo efeito para problemas do aparelho reprodutor feminino. Ainda nos alertam que, caso a mulher esteja com suspeita de gravidez, ela não pode tomar. Também ensinam que as raízes devem ser coletadas e a garrafada também deve ser feita na Lua minguante.



# DONA LUZIA

## ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Quando você olhar para Dona Luzia, sorria  
Perceba que seu coração é maior que tudo

Receba seu olhar que emana alegria

Se puder não diga nada, fique mudo

Escute apenas sua voz macia

Deixe que ela fale das ervas, das plantas

Daquelas que ela usa todos os dias

Saiba que não são poucas, são tantas

Seu nome lhe cai bem, tem Luz

A mesma que ela carrega para onde vai

A alegria de viver a conduz

Ela é um anjo enviado pelo pai



# DONA LUZIA

Mulher de sorriso largo e contagiante, Luzia Gonçalves dos Santos, nasceu em dezembro de 1978, na Fazenda Santaninha, município de Cavalcante - Goiás. Luzia cresceu acompanhando a mãe, o pai e o avô em suas andanças pelo Cerrado para coletar ervas medicinais. Dessas experiências nasce o desejo de aprender. Logo aos 10 anos de idade ela coletou e preparou seu primeiro remédio caseiro.

“Com 10 anos eu comecei a “rancar” meus remédios” com a minha mãe. Ela saía no campo né, ela falava aqui é um pé de perdiz. Mamãe é bom pra quê? ‘Bom pro útero’. Ia lá e arrancava, aí quando a minha mãe precisava de remédio eu mesma ia lá e arrancava pra ela, cortava tudim, colocava no sol pra secar, enchia os vidros”...

Nessa época, sua mãe Dona Nazira Paulino da Costa sofreu um aborto espontâneo e necessitou de cuidados. A pequena Luzia, com o auxílio de seu pai José Gonçalves dos Santos, preparou um caldo que, segundo ela, ajudou a fortalecer sua mãe que não conseguia nem levantar da cama, da seguinte forma: “ Pega cinco cebolinha branca, pica bem fininho, coloca num prato. Pego um pedaço de sebo de carneiro mais ou menos do tamanho de um limão e corta bem fininho e coloca em cima das cebolinhas no prato. Coloca água pra ferver e joga em cima do sebo com a cebolinha e acrescenta uma pitadinha de sal e vai tomando morno”. Depois ainda preparou o sumo que estancaria a hemorragia, feito com algodão e outras ervas. Dona Luzia ainda revela que esta receita da cebolinha com sebo de

carneiro também é eficaz em casos da pessoa ter sido acometida por raio, reumatismo nos ossos e cólica menstrual. Ensina que essa medida deve ser tomada de uma só vez, podendo ser repetida até três vezes ao dia.

Os anos se passaram, e aos 19 anos Luzia casou-se com Miron, natural da região da Parida, Alto Paraíso de Goiás. Com ele constituiu família e viveu durante anos, até se tornar viúva em 2003. Passou por vários desafios sozinha, mas, guerreira, superou e hoje vive com seus sete filhos na cidade de Alto Paraíso de Goiás.

Luzia afirma que a maioria dos jovens não tem interesse em aprender sobre as plantas medicinais e nem exercer o ofício de raizeiro e, que isso se deve, muitas vezes, aos pais ou a vaidade.

“Eles não tem interesse né, eles pensam que medicina hoje pra eles tem que ser remédio de farmácia, ‘ah não quero isso porque amarga, não quero isso porque não quero’, assim vai do pai também, meus irmãos não aprendeu não foi porque meu pai mais minha mãe não ensinou, ensinou, interesse mesmo que não teve de aprender. Tudo é na vaidade, eles (os jovens) não quer andar no Cerrado, ‘ah não, eu não vou arrancar minhas pernas’.... Fala com uma mocinha hoje, vai ali, vamos no cerrado, ‘ah eu vou acabar com minhas pernas’, mas elas não sabem o que é importante, aprender é muito importante, na hora que precisar elas não vão saber!”

Sua filha Lailane Gonçalves, hoje com 18 anos, é uma exceção pois já possui muitos conhecimentos sobre a medicina popular e busca no Cerrado a cura para suas enfermidades.

Lailane não troca os chás e garrafadas preparadas e colhidas por ela mesma por remédios alopáticos. A jovem afirma que prefere os seus próprios chás e garrafadas, pois os da mãe "são amargos". Foram seus conhecimentos e entusiasmo no campo que despertaram a curiosidade de profissionais da UnB em 2014, quando então Lailane tinham apenas 16 anos, fato que desencadeou um projeto sobre plantas medicinais para jovens bolsistas do Centro de Estudos UnB Cerrado. Dentro desse projeto, Lailane e também sua amiga Sulene se destacaram pelos conhecimentos que demonstraram em campo, o que despertou a professora Mieko a começar a pensar num projeto para concorrer ao Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás.

Luzia é profunda conhecedora dos segredos que a natureza guarda, além do trabalho doméstico ela se divide entre ser diarista e o ofício de raizeira, atendendo a todos da comunidade que procuram a cura através das plantas, sempre com um adorável sorriso nos lábios.

Apesar dos desafios encontrados pelo caminho desde a falta de reconhecimento, inclusive financeiro, pelo trabalho como raizeira, a dificuldade de acesso a determinadas ervas, o

preconceito e o estereótipo de 'macumbeira', D. Luzia segue fazendo suas garrafadas, que na maioria das vezes é composta por mais de quinze ervas diferentes, como a rosetinha, velame branco, jurubeba de cupim, pé perdiz, aroeira, angico, jequitibá, mama-cadela, entre outras. Para ela é uma felicidade só, quando através de suas mãos ela tráz a cura para alguma enfermidade.

Apesar de muito nova – menos de 40 anos de idade, é muito sábia e observa as fases lunares para confeccionar seus compostos medicinais: “por exemplo, garrafada pra mioma e cisto, é na lua minguante, que é pra diminuir...”

“Eu tenho vontade de ter uma lojinha de produtos da medicina do Cerrado, mas tenho medo de não ter autorização, de ter multa, porque em Cavalcante mesmo, até as pinga com raiz foram tudo proibida no bar. A perseguição aqui é muita. é difícil ter licença pra trabalhar tranquilo”... “A gente as veis gasta, paga passagem, toma tempo da gente pra ir no campo coletar as planta, faz a garrafada e depois a pessoa nem paga nada pra gente. É bom ajudá, mas é ruim ficar no prejuízo. Tenho o maior prazer de fazê um remédio pra pessoa, mas também tem que ver que a gente precisa de receber alguma coisinha pra viver”.

Essa guardiã dos segredos do Cerrado tem prazer em transmitir seus saberes para aqueles que a procura. Em meio a tantas adversidades, segue seu caminho orientando seus filhos

sobre a importância da cura através das plantas e também do respeito que se deve ter com o meio ambiente, que fornece matéria prima para seus tratamentos. Segue sem desistir, segue firme, ajudando a quem necessita, partilhando tudo o que tem, e compartilhando seus preciosos conhecimentos tradicionais com a comunidade de Alto Paraíso de Goiás.

## **RECEITA de "Chá de algodoeiro de quintal"**

### **Ingredientes:**

45 'maçãs' (botão floral) de Algodão do quintal, colhidas e consumidas ao longo de 9 dias.

### **Modo de fazer:**

Na lua minguante, colocar 1 pitada de sal em 2 litros de água pra ferver com:

9 'maçãzinhas' no 1º dia

8 'maçãzinhas' no 2º dia

7 'maçãzinhas' no 3º dia

6 'maçãzinhas' no 4º dia

5 'maçãzinhas' no 5º dia

4 'maçãzinhas' no 6º dia

3 'maçãzinhas' no 7º dia

2 'maçãzinhas' no 8º dia

1 'maçãzinha' no 9º dia

Assim que ferver, desligue o fogo imediatamente.

### **Modo de usar:**

Cada dia serão dois litros de água que a mulher deve ir bebendo ao longo daquele dia.

### **Observações:**

\*As maçãzinhas devem ser coletadas na lua minguante. O tratamento deve começar, logo no começo da lua, que é para o 'problema minguar'.

\*\*Segundo a Dona Luzia, essa é uma receita muito boa para combater cistos nos ovários

\*\*\*Dona Luzia também sabe fazer uma receita de garrafada que a livrou de dores e de uma cirurgia para retirada de mioma uterino e cistos nos ovários.



# SEU MIGUEL

## ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Miguel é nome de anjo, de arcanjo  
De quem lida com as coisas do céu  
Especialista em saber o que é bom pra saúde  
Ser humano a cumprir seu honroso papel  
De trazer lá de cima as curas da terra  
Para os filhos do Pai que aqui estão a sofrer  
Raízes e ervas cultivadas com amor  
Medicinas para quem precisa renascer  
Plantas colhidas com cuidado e atenção  
Sabedoria desenhada na palma da mão  
Simplicidade e humildade são ferramentas do bem  
Que ele carrega na alma e propaga como ninguém  
Seu Miguel é raizeiro experiente  
Nessa vida já ajudou e deu apoio a tanta gente  
Agradecemos por essa cultura que brota da fonte  
Lindo arquivo vivo do nosso Novo Horizonte.

# SEU MIGUEL

“Miguel Arara” (Miguel da Costa Torres) é um homem forte, de riso fácil, que gosta de conversar, contar histórias e principalmente ajudar. Nascido em 22 de dezembro de 1962 na Fazenda Bom Sucesso, município de Alto Paraíso, é um raizeiro filho de um baiano (pai nascido em Barreiras) com uma goiana (também nascida na Fazenda Bom Sucesso). Está casado com Maria Lídia, há 36 anos, com quem teve seis filhos e adotou mais três. Têm grande amor pelos filhos e muito orgulho de sua família.

Desde pequeno teve interesse em aprender com todos aqueles que quisessem ensinar. Seu Miguel não lembra com que idade começou, mas se recorda que foi desde criança, quando a avó lhe pedia para coletar os remédios no campo.

Como não teve muito estudo, sempre gostou de ficar próximo dos mais velhos, com quem muito aprendeu. Tem esse dom que Deus lhe ofertou e o aceitou de coração aberto. *“Gostaria de poder se dedicar só às plantas, mas precisava ter apoio e estrutura para fazer tudo conforme se pede...”* (rótulo, manuseio, embalagem). A tradição com as plantas vem dos avós, do pai, da esposa, dos amigos e dos idosos, assim como muitas das simpatias que ele aprendeu. Como ele diz: - *“O que vale é a mente, nunca que você esquece ... O homem do campo aprende coisa boa ... Eu sô de uma linhagem forte. Meu avô era forte, meu pai era forte e sou forte, coisa ruim não mexe comigo não”*.

É um amplo conhecedor das plantas, além de raizeiro,

também é agricultor e trabalha com poda de árvores e jardinagem. Trabalho que faz com muita desenvoltura. Sempre atento e disposto, às vezes atende ligações de cima de árvores, pendurado por cordas.

Se orgulha dos filhos terem estudo, oportunidade que ele não teve. Com satisfação, relata o quanto seus filhos são muito atarefados, trabalhando e estudando, mas que devido a tantos afazeres *“acabou que nenhum aprendeu sobre as plantas medicinais”*. O raizeiro reconhece a importância da transmissão desses saberes para as próximas gerações. Ele costuma dizer que *“as farmácias e os médicos ganham muito dinheiro com remédio, sendo que tem os remédios no campo que Deus deixou pra nós”*. Se orgulha de contar que até os 53 anos de idade, só precisou ir ao médico uma única vez, quando foi detectado com dengue. Em geral, quando precisa de auxílio de um raizeiro mais sábio, ele recorre aos kalungas do Vão das Almas, em Cavalcante.

Segundo ele, seus familiares e amigos usam muito das plantas medicinais do Cerrado que ele mesmo prepara. Nos revela que *“para a coleta precisa de muita ciência”*, e que prefere fazer na quinta ou sexta-feira porque *“são dias fortes”*. Realiza todo um preparo para a saída de campo, ficando em jejum e saindo bem cedinho. Dessa forma, *“a mente fica mais clara para alcançar os objetivos”* - diz ele. Gosta de mostrar as plantas coletadas, porém na hora de ir para o campo prefere ir sozinho: *“quina rasteira pra fígado e vesícula, velame branco é depurati-*

*vo, jurubeba amargosa pra vesícula, copaíba é anti-inflamatório, capim pubo contra pressão alta, espinheira santa pro estômago, sangra d'água é anti-inflamatória e depurativa, basta três pingos por dia ou um dedo na garrafada...". Pra relaxar, ele toma chá e arniquinha com cidreira (Lippia alba).*

Explica que as raízes não podem ser coletadas na lua nova: *"nova é bom só pra plantar, pra você ver, se plantar mandioca na lua nova ela amarga e o polvilho não presta... cheia é bom pra plantar horta. Na crescente eu também planto, tiro copaíba e vinho de jatobá que é depurativo..."*

Dona Maria Lídia, esposa de Seu Miguel, é sua grande companheira e entendedora dos saberes de curas naturais. Faz questão de nos ensinar uma receita sobre uma plantinha comum nos quintais e calçadas aqui da Chapada, o carro ou cardo santo de flor amarela: *"você pega as sementes na lua crescente, antes de nascer o sol, torra e depois pila e coloca na água pra ferver. A medida que o sol vai saindo (nascendo), o óleo vai subindo. Aí você vai tirando com a colher e passando pra outra panela pra apurar. Depois quando esfriar põe num vidro limpo pra guardar. Aí então você pega dois caroço (duas sementes) de imburana e torra, amassa e põe num copo d'água pra ferver até reduzir pelo meio. Quando a água tiver na metade, apaga e coloca três pingo de óleo de cardo santo e dá pra pessoa que tivé com bronquite beber. Pode ser até bebezinho de seis meses. Pode usar até uma semana, mas se parar de tossir antes, para. Cardo santo é fino, não pode tomar nem friagem e nem vento, então é melhor tomá a noite*

*quando vai deitar”.*

Tem muita simpatia pelas pessoas espíritas e explica que tem um espírito que o acompanha e que esclarece a mente dele sobre o que ele tem que fazer. Nos, como ele diz: *“Eu não tenho medo das minhas costas, pois eu tenho um anjo de guarda que eu confio. A fé, oração boa e simpatia vão me permitir que eu viva mais de 80 anos pela frente”*, conta ele sorridente. Gosta de contar piadas e ver as pessoas sorrindo. Quando indagado se já foi perseguido, ele tem uma postura curiosa, diferente da maioria dos raizeiros da região, afirma entre gargalhadas: *“acho é bom quando uma pessoa fica falando que eu sou macumbeiro, que assim pelo menos elas fica com medo e não mexe comigo”...* e ainda brinca: *“olha, se você ficar falando de mim eu uma hora ainda vou te por sentado sem sair do lugar, vou fazer você rir sem parar o dia inteiro”.*

Seu Miguel, nos conta que em suas andanças pelo cerrado, a procura de ervas, encontrou muitos objetos que se arrepende por não tê-los guardado, como espadas de ferro, santos de bronze, esporas antigas e até pedras vulcânicas que segundo ele, brincava com bodoque. Diz ter jogado tudo fora, sem saber do valor e importância que poderiam ter agora.

Miguel da Costa Torres já participou e foi vencedor de diversas maratonas de corrida. Possui diversas medalhas e troféus que guarda em sua estante. Relata que tudo isso *“a custa de pau de gemada, suco de acerola e água de coco,*

*foi os energéticos naturais que eu usei". Chegou a percorrer 11 km correndo, do Moinho até Alto Paraíso. Correu durante 20 anos. Segundo ele, desde que parou com as maratonas, só anda de bicicleta. Hoje, com 56 anos, se julga uma pessoa feliz e grata.*

## **RECEITA de "Fermentado de gravatá"**

### **Ingredientes:**

1 gravatá grande ou 2 menores  
3 colheres de sopa de açúcar (branco ou mascavo)  
Água

### **Modo de fazer:**

Lavar bem o gravatá e aparar as pontas (de acordo com Seu Miguel, *"para não engasgar, não cortar a língua e nem as tripas"*). Colocar água até cobrir e ferver com açúcar por 15 minutos. Espere esfriar e coloque numa garrafa 'pet' e enterre num formigueiro. Deixe enterrado curtindo por sete dias exatos. Completados os sete dias, abrir a garrafa devagarinho pra ir saindo o gás que se forma.

### **Modo de usar:**

Crianças - 1 colher de café 2 vezes ao dia  
Adultos - 1 colher de sopa 2 vezes ao dia  
Durante uma semana seguida

**Observações:**

\*Segundo Seu Miguel, esse preparado age contra vermes, especialmente ameba, oxiúros, cabeça de prego.

\*\*Tem que ser feito com o gravatá de folhas vermelhas.

\*\*\*Deve ser armazenado em local escuro.

\*\*\*\*Gestantes não podem tomar.



# DONA PÁSCOA

## ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Páscoa é nome de renascimento

Sete filhos, doze netos

Doadora de benzimento

Para cada problema há um caminho certo

planta de casa, planta do cerrado

para tudo tem um remédio nesses campos dourados

velame serve para o sangue assim como a douradinha

A variedade é tanta que tem também a carobinha

A inveja rebate com fé

Com picão, casca de jatobá e guiné

Quando vai pro mato ela levanta bem cedinho

Pra colher as plantas ainda com seu orvalhinho

Na lua nova, na hora certa com reza que vem do coração

Chama São Bento, chama São Jorge, chama proteção

# DONA PÁSCOA

Páscoa Neres Bispo, mais conhecida como Dona Páscoa, nasceu dia 08 de fevereiro de 1958, na região de Caribinha, perto de Nova Roma, mas ainda município de Alto Paraíso de Goiás. É referência de benzimento na região de Alto Paraíso de Goiás. Casou-se aos 18 anos com João Pereira dos Santos, na época, já viúvo, com 60 anos de idade. Famoso raizeiro e benzedor, mais conhecido popularmente como 'João Dourado', com Dona Páscoa constituiu nova família e juntos tiveram 7 filhos e 12 netos, dos quais uma boa parte ainda mora com ela, em sua humilde residência, onde diariamente é procurada por pessoas de todas as classes sociais em busca de benzimentos diversos.

Há cerca de treze anos falecido, seu companheiro, lembra a benzedeira, *"ele se preparava pra benzer, tomava uma garrafada que ele mesmo fazia, pra fechar o corpo e não pegar as coisa ruim"*. Dona Páscoa se lembra dele com muita saudade e conta que às vezes até sente o cheiro das ervas que ele preparava.

Páscoa é uma mulher que já passou por grandes desafios na vida, em várias esferas. Há cerca de 30 anos sabe benzer e entende de remédios da natureza, mas foi depois que seu esposo faleceu, que ela resolveu então atender as pessoas com seu benzimento, como ela diz: *"Dois benzedor em uma casa, um sozinho tem que benzer, ele morreu, agora eu fiquei benzendo"*. Na época do finado marido, conta que não se preocupava muito em se proteger. Hoje, usa um dente de alho na boca durante as benzições, que, segundo ela: *"é pra se proteger das energia*

*ruim"... "tem pessoa que chega muito carregada".*

Revela que ambos já sofreram perseguição em algum momento, mas explica que nunca aconteceu de alguém voltar para reclamar dos remédios que fizeram. Dona Páscoa lembra que já chegaram até a colocar cobra no batente da porta de sua casa; que já foram chamados de 'macumbeiros' e ela de fazer bruxaria. Mas um fato curioso nos conta, é que uma das pessoas que os perseguiram e acusaram, depois veio pedir para ser benzedo por ela.

Segundo a benzedeira, seu marido tinha aprendido tudo que sabia com parentes que moravam no Vão das Almas, município de Cavalcante-GO, especialmente com o avô kalunga, enquanto ela, diz ter aprendido muito com sua prima Maria Bispo e sua comadre Iracema Cândido.

Dona Páscoa lembra do caso de um rapaz de Teresina que veio procurar Seu João Dourado: *"Ele não conseguia vestir mais a camisa, atrás dele tinha uma bolha horrorosa com um rego de água saindo... depois da benção ele melhorou e voltou para agradecer" ... "Meu marido não arrancava remédio nem sábado e nem domingo. Só arrancava quarta, quinta e sexta, e tampava. Nem sábado, nem domingo nem terça porque é dia fraco".*

Explica que tem cobreiro espiritual e também de animais que encostam na pele, como lagartixa, cobra, sapo e aranha.

*“Cobreiro benze com folha de mamona”*. Hoje as pessoas mais a procuram para benzer de *“arca caída, espinhela, quebranto e mal olhado”*, contudo também conhece reza para picada de cobra, engasgo, dor no estômago, cisco no olho, dor de dente, entre outras.

Ainda nos revela que, sempre, ao adentrar em qualquer mata ou campo de cerrado para colher as plantas a serem utilizadas em suas práticas espirituais ou garrafas e chás, ela pede proteção e reza da seguinte forma: *“São Jorge o cavaleiro montado em seu belo cavalo, rebatendo as feras que tiver nesse mato. Nunca ai de me ver e nem eu de ver elas, se ela me ver elas não tem boca para abrir ou zói pra me enxergar. Eu passo junto delas e elas num hão de fazer nada comigo. Faz o nome do pai e passa que num acontece nada. Pra entrar no mato eu faço a oração de São Jorge, a oração de São Bento por mode cobra”*. E conta que nunca aconteceu nada de mal com ela em suas andanças, e que se sente sempre muito protegida. Às vezes vai acompanhada de amiga, netos, e nunca aconteceu nenhum mal com ela ou com as pessoas que a acompanham.

Em relação a coleta das plantas ela ensina: *“quinta bem cedinho ou sexta bem cedinho, porque elas tão na natureza, porque depois que o sol nasce, levanta toda a humanidade delas, então quando é cedinho tá toda molhadinha de orvalho, que é melhor. Não pode deixar o buraco aberto, se não a planta não vale nada, não presta, a pessoa não melhora. Eu ranco na pricisão na lua minguante, mas na lua nova que eu gosto pra*

*crescer, e deixo um fiapinho de planta para ela crescer”.*

Hoje em dia quase não coleta mais devido às dores no pé. Contudo, dentre as plantas que mais usava estão a douradinha, o capim rei, o tipi, a batatinha de cigano, o capim urubu e o manacá. Lembra com pesar que algumas plantas que eram comuns estão bem difíceis de serem encontradas: o carrapicho barra de saia, o velame branco e roxo e o manacá. *“As pessoa não sabe coletar, ranca tudo e não deixa nenhum fiapinho para ficar, aí num nasce mais, tem que deixar um fiotim pra trás pra crescê”... “Perto da Pontizinha tinha muita erva que pode pegar boa pra remédio, mas o povo tá acabando com o cerrado tudo, pouco lugar tem planta, antigamente eu panhava muita planta lá, agora tá acabando...”*

Filha de mãe baiana e pai goiano, de origem muito humilde, Páscoa não teve muita oportunidade de estudo, mas é detentora de diversos saberes que tem vontade de repassar.

Lembra com satisfação que na família já curou a bronquite asmática do neto com óleo de pau e também curou com remédio natural as pedras nos rins do filho e sua amiga.

Dona Páscoa explica que nenhum dos filhos ou filhas tiveram interesse em exercer o ofício de raizeiro(a) ou benzedor, de acordo com ela, *“eles confiam só na farmácia, ou acham mais fácil pegar pronto, parece que não está acreditando mais nas ervas”*, mas lembra com alegria que sua neta Akysya de cinco anos brinca de benzer pegando as plantinhas do quintal. Maísa, sua netinha

de 12 anos é a única que a acompanha. 'Vando', seu filho mais velho, aprendeu muito sobre as plantas medicinais com o pai, mas não trabalha na área.

*"Nenhum filho aprendeu comigo sobre benção. Se entrar um cisco no zói ele não sabe o quê que faz, acho que não sabe nem fazer o nome do Pai. Dizem que benzimento é muito antigo, hoje não precisa. Então por que vocês pede? Benzimento, quem tem fé sara. Deus me deu esse benzimento e esse aqui eu vô carregar comigo, se não quiser aprendê não aprende. Mas eles me procura para benzer. Eu sou católica, meu marido era católico, mas eu tenho um filho que é crente, graças a Deus, a igreja foi muito bom pra ele, mas esse não me pede pra benzer".*

Segundo ela, vai ao hospital apenas para averiguar a pressão, 'o resto', tira do quintal. Relata que a tireoide foi tratado com remédio do mato e a chagas está controlada, assim como a pressão. Diz que vai ao hospital fazer exames para descobrir o que tem, mas *"tratar, é com remédios da natureza"*.

## **RECEITA "Contra sinusite e simpatia contra dor de dente"**

### **Ingredientes:**

Milona (raiz) – um pedacinho de aproximadamente um centímetro  
Água (meio copo)

**Modo de fazer:**

Ferver a água e jogar em cima da raiz de milona raspada e esperar ficar morna. Molhar um pano com a água com milona e colocar em cima do nariz, com a cabeça elevada, por aproximadamente 10 minutos, depois abaixar a cabeça para que a limpeza das narinas ocorra naturalmente.

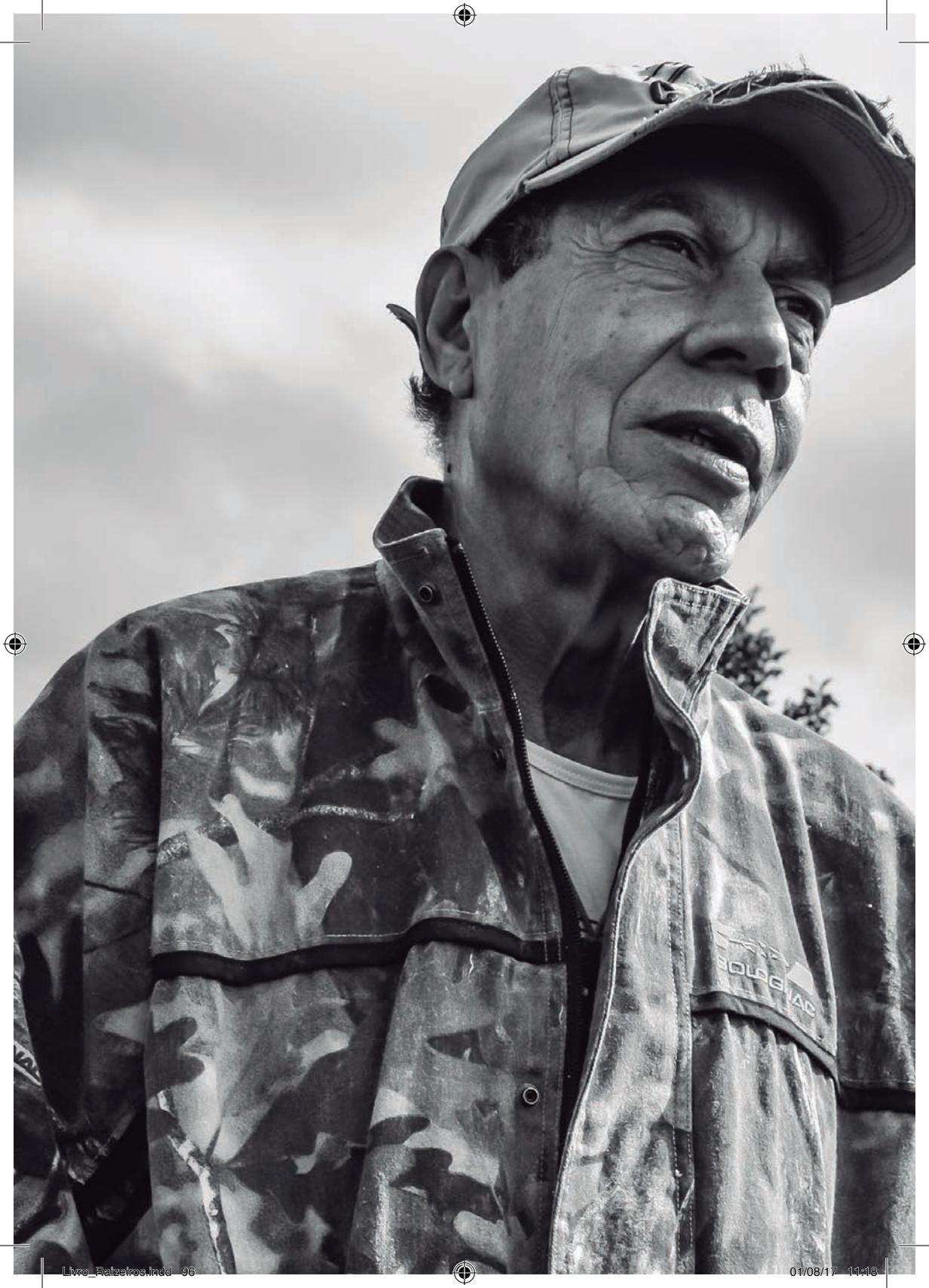
Segundo Dona Páscoa, basta 10 minutinhos cheirando essa infusão com a cabeça tombada para trás, pra logo quando a pessoa abaixar a cabeça e olhar para o chão, começar a sair um líquido amarelado e mal cheiroso, realizando assim a limpeza que aliviará as dores de cabeça decorrentes da sinusite.

**Modo de usar:**

1 vez ao dia  
Por 3 dias seguidos

*“é só cheirar por uns 10 minutim, que logo começa a sair toda a sujeira do nariz...”*

*\*Ela ainda nos ensina uma simpatia contra dor de dente: “Pega um pedaço de dente de alho e coloca no dedo mindim, do lado contrário do dente que tá com dor. Por exemplo, se você tá com dor num dente do lado direito, você coloca o alho na unha do dedo do lado esquerdo. Aperta bem forte em cima da unha e logo a dor passa”.*



# TOM DAS ERVAS

## ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Tom das Ervas, de outras eras, outros tempos.

Preparando cremes, xaropes, unguentos

O dia amanhece, a natureza dá o tom

Ele caminha pelo cerrado

e escolhe as ervas

Agradece reverencia

manipula, prepara

Uma fórmula pura

que cura, que sara

Arte de índio, caboclo

Serviço de raizeiro, Pajé

Se quiser encontra-lo é fácil:

Em Alto Paraíso todos sabem quem ele é!

# TOM DAS ERVAS

Washington Andrade Silva, mais conhecido como Tom das Ervas, nasceu em Itapuranga-Goiás, tem origem indígena e italiana. Começou ainda criança a busca pela medicina natural, quando observava seu pai fazendo remédios com as ervas medicinais para tratar pessoas e animais, além de sua longa bagagem de viagens pelo Brasil a fora.

Quando chegou a Alto Paraíso de Goiás no ano de 1988, logo se encantou com a imensa diversidade de plantas medicinais e esse foi um dos motivos da sua permanência. Desde então, vem estudando as ervas medicinais por meio de livros, trocando saberes com outros raizeiros como a Dona Flor e Seu Manuel Roxo, já falecido. É muito perceptível sua relação de conexão e respeito com a natureza, quando entoa sua flauta indígena, confeccionada por ele mesmo, trazendo uma sensação de paz e liberdade.

Tom das Ervas se entristece ao ver que a natureza está sendo destruída e substituída pela monocultura e pecuária. As plantas medicinais estão extremamente ameaçadas pela expansão da gramínea africana braquiária, que dificulta o crescimento das ervas, e pela coleta sem o manejo correto.

*“Eu tenho visto muita ameaça em torno das plantas medicinais, da terapia natural, e uma delas que é muito vista, que tá na vista de todos, é a monocultura, as plantações de soja, de milho, outras coisas mais em grande escala, isso aí vem destruindo o cerrado por inteiro, não só o cerrado, outras regiões também,*

*mas como nós tamo falando do Cerrado, não só aqui de Goiás, mas também Mato Grosso, Bahia, Tocantins, Minas Gerias, Piauí, Maranhão e Pará. Essa região toda tá sendo muito devastada com as grandes monoculturas que tão acontecendo, isso daí, quando as pessoas assustarem com isso daí, já é tarde, não tem como retrocede”.*

*“Uma outra coisa também que eu tive observando em outras regiões, na região Sul, Sudeste de Goiás também, que lá não existe muita monocultura, são poucas, mas o que predomina lá é a pecuária, então a pecuária também destrói tudo também.”*

Ele nos mostra que as plantas medicinais podem entrar como auxílio do tratamento com remédios alopáticos, afirmando que ser radical não é uma boa saída. Carrega grande fé nos pés descalços, nos médicos da natureza e nas crenças e simpatias antigas, que contemplam corpo, mente e espírito.

Tom das Ervas se tornou referência para a comunidade e sua loja pode ser considerada um ponto turístico na cidade, onde ele comercializa produtos naturais, artesanatos e garrafadas.

Porém, Tom sente certa dificuldade em manter seu negócio, pois a ANVISA proíbe a comercialização de remédios naturais com rótulos explicativos, o que dificulta na hora da venda.

Tratando-se de remédios naturais e garrafadas, muitas mulheres o procuram por ele ser detentor do conhecimento

de uma garrafada que ajuda na fertilidade da mulher, além de auxiliar o tratamento contra problemas uterinos e cistos nos ovários.

*“As que mais procuram tratamento são as mulheres, pra tratamento de problemas uterinos, problema de cisto, de mioma, de corrimento e alguns outros problemas de regulação e até de infertilidade.”*

Já ouvimos relatos de mulheres, até mesmo de outros países, que haviam buscado diversas alternativas na tentativa de engravidarem, e só após seguirem algumas recomendações de Tom, conseguiram realizar o sonho da maternidade.

As pessoas o procuram, também, atrás de curas para doenças como *Staphylococcus* (uma bactéria encontrada na pele de aproximadamente 15% dos seres humanos, responsável por gerar infecções); ele recomenda a depuração do sangue, uso de limão, banho de carobinha e faz uma pomada de folha de beladona, bálsamo, folha santa, confrei e transagem para passá-la nas feridas que a doença causa. O tratamento, porém, pode durar meses, mas vale a pena.

Tom das Ervas é pai de três filhos e, segundo ele, quando estes moravam em sua companhia, ele já repassava alguns de seus conhecimentos para as crianças. Porém, Tom sente muita dificuldade para repassar seus saberes, pois de acordo com ele: *“a população não tem interesse e nem dá abertura, principalmente por parte dos jovens”*.

Durante anos, Tom das Ervas vem realizando seu trabalho de forma comprometida e amorosa para as pessoas que o buscam em momentos de angústia. Tom das Ervas sabe que o que faz é importante e precioso para a humanidade. Se entristece quando sente que há carência de conhecimento das pessoas mais jovens sobre o assunto, pois sabe que esses saberes estão ameaçados de desaparecimento. Porém, não deixa de realizar seu trabalho da forma mais carinhosa e bem quista para a população. Às segundas e sextas ele oferta gratuitamente defumação para “descarrego” e benzimentos a qualquer momento a quem necessitar, mas alerta: *“mulher menstruada não pode, deixa pra vir outro dia”*

Quem quiser encontrá-lo, é só visitar o famoso “*Erva-nário Tom das Ervas*”, conhecido por todos na região. Assim como Dona Flor, Tom das Ervas é procurado e tem seu trabalho reconhecido até mesmo por pessoas de outras nacionalidades.

## **RECEITA de “Xarope contra gripe”:**

### **Ingredientes:**

10 folhas assa-peixe branco  
10 folhas de guaco  
10 folhas de eucalipto citriodoro  
1kg de rapadura  
1kg de mel  
½ litro de água

**Modo de fazer:**

Colocar a água juntamente com as folhas numa panela para ferver durante 5 minutos. Coar e voltar ao fogo, juntamente com a rapadura em pedaços ou raspada. Deixar ferver até derreter toda a rapadura e a mistura chegar na “consistência de um mel”. Segundo o Tom *“se passar, açucara, se ficar mole, azeda”*. Aguardar esfriar e adicionar o mel de abelha. Misturar bem com uma colher de pau. Armazenar num pote de vidro limpo e seco.

**Modo de usar:**

Crianças de 1 a 7 anos: 1 colher de café, 3 vezes ao dia

Crianças de 7 a 12 anos: 1 colher de sobremesa, 3 vezes ao dia

Adultos e crianças acima de 12 anos: 1 colher de sopa, 3 vezes ao dia.

Usar enquanto não desaparecer o “mal estar”.

**Tabela das plantas e formas de uso, em comum, entre os raizeiros entrevistados no município de Alto Paraíso de Goiás**

<b>Nome comum</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Parte(s) utilizada(s)</b>	<b>Forma de uso</b>	<b>Alegações terapêuticas - Indicação</b>
Algodãozinho do campo	<i>Cochlospermum regium</i>	Raiz seca	Garrafada	Depurativa do sangue
		Fruto verde (sumo)	Sumo exprimido no local	Antifúngico
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Entrecasca seca do caule	Banho de assento	Antisséptico (antimicrobiano). Ajuda no combate à DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis – “doenças venéreas”)
		Casca e entrecasca seca do caule	Curtida no álcool	Cicatrizante de uso local
Bureré (mama-cadela)	<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Casca da raiz	Garrafada	Depurativo do sangue
		Casca da raiz seca	Rapé	Anti-inflamatório, contra sinusite e rinite
Carobinha	<i>Jacaranda crystallana</i>	Casca da raiz	Garrafada	Depurativo do sangue
		Folhas	Banho	Problemas de pele
Velame branco	<i>Mandevilla velame</i>	Raiz	Chá, Garrafada	Depurativo do sangue Anti-inflamatório
		Folha seca	Incenso	Defumador de ambiente

# ALGODÃOZINHO

## Nome científico:

*Cochlospermum regium*  
(Schrank) Pilg.

## Outros nomes populares:

Algodãozinho do campo,  
algodãozinho do cerrado

## Descrição Botânica:

Família Bixaceae.

Ocorrência em Cerrado

sentido amplo: Formações savânicas (Cerrado sentido restrito), Formações Campestres (campo sujo, limpo e rupestre) e Formações

Florestais (Cerradão e Mata Ciliar). Arbusto perene com até 2m de altura. Crescimento Monopodial. **Raiz** espessa, tuberosa (aspecto semelhante ao da mandioca); em corte transversal apresenta anéis circulares visíveis e a liberação de exsudato esbranquiçado.

**Ramos** com cicatrizes, glabros, marrom-avermelhados. **Folha**

simples, alterna, palmatilobada, cerca de 13cm de compr., glabra, peciolada, margem serrada, ápice obtuso, base auriculada, verde brilhante, concolor, palmatinérvea. **Flor** pentâmera, pétalas amarelo vivo com pequenos pontos marrom-avermelhados, estames ama-



Foto: Paulo Penna



Foto: Julceia Camillo

relos, sépalas vermelho rubro. **Fruto** cápsula, de 3-5cm de compr. e 3cm de diâmetro, com paina, semelhante ao algodão comercial. **Semente** dura, lisa, reniforme, 4mm de comprimento em média, coloração variando de vermelha a preta, conforme o estágio de maturação.

Foto: Julceia Camillo



**Parte(s) utilizada(s):** Raíz e Fruto

**Formas de uso e alegação terapêutica (indicação):**

**Raiz:** desidratada, em garrafas, como depurativa e anti-inflamatória.

**Fruto:** verde, aquecido e espremido para retirada do sumo. Tradicionalmente, o sumo é usado contra dores de ouvido. O sumo fresco ("babinha") é usado em cima de impigens, outras micoses (antifúngico) e como anti-inflamatório.

### **Observações e/ou**

**curiosidades:** Segundo costumes em medicina popular, para utilizar as raízes do algodãozinho, é necessário após a retirada da terra, lavar e cortar em lascas ou rodela finas pra deixar secar, e só depois de estarem bem desidratadas que se deve utilizar em garrafas.



Foto: Julceia Camillo

# BARBATIMÃO

## Nome científico:

*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville

## Outros nomes populares:

Pau da virgindade, casca da mocidade, barbatimão verdadeiro, ybá timó

## Descrição Botânica:

Família Fabaceae (Mimosoideae). Ocorrência em

Cerrado sentido restrito e Cerradão. Árvore perene; crescimento simpodial. **Raiz** pivotante. **Caule** com ritidoma reticulado, de coloração marrom-acinzentada a marrom-escura, diferenciando da região

floemática (entrecasca) que se apresenta bem avermelhada e fibrosa, o tronco pode chegar em torno de 30cm de diâmetro, exsudação vermelho-hialina.

**Folha** recomposta (bipinada), paripinada, alterna, espiralada, apresentando comprimento e largura muito variáveis, com algumas chegando a ultrapassar 30cm compr., brevepeciada,

com pulvino. Glândula no pecíolo e na raque. Foliólo de 7 e 10cm compr., alterno dístico em algumas folhas e oposto dístico em outras, em torno de 8cm compr., com peciólulo em torno de 1 a 2cm. Foliólulo em torno de 3cm compr. por 3,5cm larg., verde escuro, concolor, glabro, suborbicular ou assimétrico, com nervuras bron-



Foto: Julceia Camillo



Foto: Julceia Camillo

quidódromas, salientes na face abaxial; margem lisa, ápice retuso ou arredondado e base arredondada ou assimétrica, sés-sil, coriáceo. **Inflorescência** creme a morrom-clara-avermelhada. **Fruto** vagem com até 10cm compr. e 2cm larg., quando maduro apresenta coloração marrom escuro e aspecto rugoso. **Sementes** numerosas por fruto, medindo pouco menos que 1cm cada.

#### **Parte(s) utilizada(s):**

Entrecasca do caule seca



Foto: Daniela Ribeiro



Foto: Julceia Camillo

#### **Formas de uso e alegação terapêutica (indicação):**

Em banhos de assento, como antisséptico (antimicrobiano) e coadjuvante no combate a DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis – “doenças venéreas”). Em tintura (com álcool 70% ou álcool de cereais), como cicatrizante.

**Observações e/ou curiosidades:** A entrecasca pode ser retirada dos galhos. Se for do caule, deve ser tirado acima de um metro do solo, tendo o cuidado para não aprofundar até o cerne. O caule deve ser coberto com uma camada de lama feita com a terra do pé da árvore, para “selar” o tronco e a planta não adoecer e morrer. Deve-se usar somente via externa, pois a planta é muito “forte” (rica em taninos).

# BURERÉ

## Nome científico:

*Brosimum gaudichaudii*  
Trécul

## Outros nomes populares:

Mama-cadela, puxa-puxa, chiclete de vaqueiro, chicletinho do cerrado

## Descrição Botânica:

Família Moraceae. Ocorrência em Cerrado sentido restrito, Campo Sujo e Cerradão. Arbusto ou arvoreta perene, chegando até 4m de altura; crescimento monopodial. **Raiz** pivotante, aromática. **Caule** circular, pouco ramificado, com até 30cm de diâmetro, acinzentado, latescente com abundante exsudado branco leitoso, ritidoma levemente áspero. **Folha** simples, alterna, oblonga entre 9 e 13cm compr. e 4cm larg., discolor, verde brilhante na face adaxial, verde esbranquiçada, opaca e pilosa na face abaxial, bronquidódroma, com nervuras impressas na face adaxia e salientes na abaxial, margem lisa, às vezes levemente revoluta, ápice obtuso, base arredondada, coriácea, brevepeciada, latescente; estípulas axilares diminutas, caducas. **Flor** axilar diminuta, verde amarelada, unissexual. **Fruto** drupa, globoso, verrucoso, alaranjado, carnoso, leitoso, adocicado, com cerca de 3cm de diâmetro, comestível. **Semente** globosa, em torno de 2cm de diâmetro, uma ou duas por fruto.



Foto: Julceia Camillo

**Parte(s) utilizada(s):**

Casca da raiz

**Formas de uso e alegação terapêutica (indicação):**

Em garrafadas, como depurativa do sangue e contra vitiligo. Em rapés, como anti-inflamatória, usada para tratar sinusite e rinite alérgica.

**Observações e/ou curiosidades:**

O fruto é adocicado, com textura de goma e muito apreciado por homens que trabalhavam mato a dentro na lida com o gado, motivo que ocasionou o nome popular de “chiclete de vaqueiro” para a espécie. Por ser latescente e pegajoso, também é conhecido como “puxa-puxa”.



Foto: Julceia Camillo

# CAROBINHA

## Nome científico:

*Jacaranda ulei* Bureau & K. Schum

(Sin.: *J. crystallana* Bureau & K. Schum)

## Outros nomes populares:

Jacarandazinho, caroba miúda

## Descrição Botânica:

Família Bignoniaceae. Ar-



Foto: Julceia Camillo



Foto: Julceia Camillo

busto perene. Ocorrência em Cerrado sentido restrito, Formações Campestres, Mata Ciliar e de Galeria. Crescimento simpodial, atingindo até 2m de altura. **Raiz** lenhosa. **Caule** verde piloso quando jovem, marom escuro quando adulto, liso. **Folha** composta bipinada, oposta cruzada, cerca de 20cm de compr., imparipinada, breve-peciolada; folíolos opostos dísticos, cerca de 8cm de compr.; folíolulos em torno de 2cm de compr., estreito-elípticos, sésseis, com margens revolutas, base e ápice agudos, breve-peciolulados, glabros, com nervuras impressas na face adaxial

e salientes na abaxial, discolors, verde brilhantes e glabros na face adaxial, verde-acinzentado e pilosos na face abaxial, coriáceos, sésseis; raque e raquíola sulcadas. **Flores** organizadas em racemos axilares ou terminais, hermafroditas, pentâmeras, com corola ligeiramente bilabiada, zigomorfa, cor púrpura. **Fruto** cápsula, com ápices e base obtusos, deiscente, castanho escuro. **Semente** delgada, alada.

**Parte(s) utilizada(s):**

Casca da raiz e Parte aérea (tudo acima do solo, especialmente as folhas)

**Formas de uso e alegação terapêutica (indicação):**

**Casca da raiz:** em garrafada, como depurativo do sangue.

**Parte aérea (folhas):** em banhos, contra problemas de pele, como furúnculos, etc.

**Observações e/ou curiosidades:** Fruto seco utilizado para artesanato.



Foto: Daniela Ribeiro

# VELAME BRANCO

## Nome científico:

*Mandevilla velame*  
(A.St.-Hil.) Pichon (Sin.:  
*Macrosiphonia velame*  
(A.St.-Hil.) Müll. Arg.)

## Outros nomes populares:

'desconhecidos'

## Descrição Botânica:

Família Apocynaceae.

Ocorerência em Campo Sujo. Subarbusto perene, podendo chegar

até quase um metro de altura quando florido. **Raiz** tuberosa; aromática. Latescente, com exsudato branco leitoso. **Caule** pouco ramificado; ereto, verde; piloso. **Folha** simples; oposta cruzada; elíptica; ápice agudo a acuminado com cerca de 5 cm de comprimento; densamente pilosa; breve-peciolada. **Flor** isoladas ou em dupla, apicais; tipo corimbo branca; gamossépalas, formando um tubo com cerca de 15cm até a porção livre; dialissépalas. Os estames são soldados próximo ao fim do tubo formado pelas pétalas. **Fruto** alongado; verde-avermelhado.



Foto: Daniela Ribeiro



Foto: Claudomiro Cortes



**Parte(s) utilizada(s):**

Raíz e folhas

**Formas de uso e alegação terapêutica (indicação):**

**Raiz:** Em garrafadas ou chás, como depurativa do sangue.

**Folha:** fresca, em banhos, contra problemas de pele.

Folha seca, como incenso, defumador de ambiente.

**Observações e/ou curiosidades:** O velame-banco é uma espécie ameaçada de extinção.

Além de ser uma espécie rara de ser encontrada, mais raro ainda é encontrá-la florida. A sua raiz seca tem vasto uso pelos raizeiros em forma de garrafadas e chás como um excelente depurativo do sangue, sendo forte aliado até mesmo em caso de infecção por *Staphylococcus*.



Dona Abadia



Seu Joaquim



Dona Maria



Seu Dedé



Dona Luzia



Seu Miguel



Dona Páscoa



Tom das ervas

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIGUETO, J. R. *et al.* 2012. Guia do observador de árvores no Cerrado. Brasília, Editora Rede de Sementes do Cerrado. 48p.

BRANDÃO. C. R. & ROCHA, E. 2004. O Jardim da Vida. Goiânia, Ed. da UCG, 304p.

DIAS, J. E. & LAUREANO, L. C. 2009. Farmacopéia Popular do Cerrado. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 352 p.

KUHLMANN, M. 2012. Frutos e Sementes do Cerrado Atrativos para Fauna: guia de campo. Brasília, Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 360p.

LORENZI, H.; GONÇALVES, E. G. 2011. Morfologia Vegetal: organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. 2ª ed. Nova Odessa, Editora Plantarum, 544p.

MEDEIROS, J.D. 2011. Guia de Campo: vegetação do Cerrado 500 espécies / João de Deus Medeiros: MMA/SBF, 532 p.

SAMPAIO, A. A. 2012. Cordel de Plantas Medicinais do Cerrado. Goiânia, Kelps, 118p.

SILVA JÚNIOR, M. C. 2005. 100 árvores do Cerrado: guia de campo. Brasília, Editora Rede de Sementes do Cerrado, 278p.

VANNUCCI, A. L. & FERREIRA, H. D. 2006. Morfologia Externa das Espermatófitas. Goiânia, Apostila Ligeirin Cópias UFG, 133p.

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0010\\_09\\_03\\_2010.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0010_09_03_2010.html)

[http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/arquivos/cp38\\_plantas/barbatimao.pdf](http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/arquivos/cp38_plantas/barbatimao.pdf)

<http://www.biologo.com.br/plantas/cerrado/velame-branco.html>

# RAIZEIROS NO PARAÍSO

Oito nomes vou falar  
Só uma aqui ainda está  
Conhecida **Maria Chefe**  
Quem com ela se tratou nunca esquece  
A Deus pedimos sua cura  
para ela que tanto procura.  
**Manoel Roxo** homem de bem  
Ensinou ao Tom Também.  
**João Dourado** homem honrado  
rezava contra mal olhado.  
**Donato** homem de brio  
acompanhou Dona Flor e seus filhos.  
**Seu Joca** era homem sério  
doença não tinha mistério  
E também **Dona Maria**  
que curava com alegria  
Seu marido foi Dedé  
Alegre como só ele é.  
**João Tiodoro** ficou na memória  
Todos o lembram com glória  
benzimento e garrafada  
doença dele não escapava.  
**Dona Lió** muito querida  
curava doença sofrida.  
Dessas criaturas nunca esqueceremos  
nem da Chapada que aqui vivemos  
A todos lembramos com louvor  
e pedimos a benção do nosso Senhor

Poesia: Daniela Ribeiro, junho de 2016

## **Créditos das imagens:**

Todas as imagens dos Raizeiros - Melissa Maurer

Algodãozinho (1) - Paulo Penna

Algodãozinho (2) (3) (4) - Julceia Camillo

Barbatimão (1) (2) (4) - Julceia Camillo

Barbatimão (3) - Daniela Ribeiro

Bureré (1) (2) - Julceia Camillo

Carobinha (1) (2) - Julceia Camillo

Carobinha (3) - Daniela Ribeiro

Velame branco (1) - Daniela Ribeiro

Velame branco (2) (3) - Claudomiro Costes

*Todas as fotos foram cedidas gentilmente.*

# I ENCONTRO DE RAIZEIROS E PAJÉS NA CHAPADA DOS VEADEIROS

## PATROCÍNIO:



NÚCLEO DE ACUPUNTURA DE GOIÂNIA  
(62) 3954-4810

Elaine Caestine

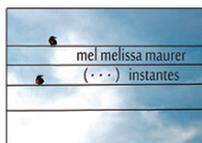


Márcia Ferreira



Restaurante da Téia

## PARCEIROS:



ESTÚDIO ARTEMÍSIA

REVISTA SEMEÁ VEADEIROS

## APRESENTAÇÃO DA EQUIPE



### **Clara Carmini Teixeira Alencar da Silva**

Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás. É colaboradora no Centro de Estudos do Cerrado na Chapada dos Veadeiros - UnB em projetos de pesquisa e extensão.



### **Daniela Ribeiro de Souza**

Bióloga, Especialista em Fitoterapia pela UFG, mãe, esposa, amante de medicina popular e Etnobotânica, há mais de 15 anos participa de encontros de raizeiros. Idealizadora do "RAIZES: Grande Encontro de Raizeiros, Parteiros, Benzedoras e Pajés na Chapada dos Veadeiros" - Três Luas Etnobotânica e Produções Culturais



### **Ivan Anjo Diniz**

Poeta, Jornalista, Turismólogo e trabalha como Guia de Turismo na Chapada dos Veadeiros valorizando a cultura tradicional e a sapiência dos raizeiros e raizeiras da região.



### **Joana Jubé Ribeiro Queiroz**

Bióloga e Técnica Ambiental com histórico de atuação em Educação Ambiental, Conservação e Preservação da Natureza, Estudos de Paisagem e Território e Etnobiologia. "O que seria do bebê se ele devorasse o peito da mãe que o amamenta?" é a pergunta que fica aos que defendem o atual e destruidor modelo de desenvolvimento econômico.



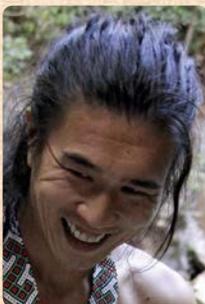
### **Kiara Maria Ferreira de Souza**

Natural de Palmares-PE, moradora de Alto Paraíso de Goiás desde criança e grande admiradora das plantas medicinais do Cerrado. Participou dos cursos: Sociocultural em 2014 e Plantas Medicinais do Cerrado em 2015, pela UnB Cerrado. Graduada do Curso de Jornalismo.



### **Melissa Maurer**

Nascida em Brasília, formada em Turismo, vive desde 2004 em Alto Paraíso de Goiás. Encontrou na fotografia sua verdadeira paixão e vocação. Apaixonada pelo Cerrado e pela natureza de(o) ser, destaca-se pelo olhar sensível e projetos de Arteativismo, buscando conectar as pessoas a natureza exterior e interior, gerando com seu trabalho reflexão naqueles que o observam.



### **Miag Eric Makibara**

Músico, compositor, publicitário, filho e pai. Vive desde 2010 em Alto Paraíso. Admirador da sabedoria dos povos originários do planeta, atuando em diversos trabalhos de preservação de patrimônio imaterial desses povos e trabalhos gráficos e audiovisuais de registro de saberes tradicionais de raizeiros e indígenas. Criador da Revista Semeá Veadeiros.



### **Mieke Ferreira Kanegae**

Cresceu em contato com a natureza quando ia visitar sua Batian (avó paterna), Fumiko, na chácara Kanegae, algo que foi decisivo na sua escolha profissional. Durante mais de 10 anos desenvolveu pesquisa em Ecologia de aves, mas foi como professora da UnB Cerrado que se encantou pelos raizeiros: pessoas simples e de muita fé, dotados de um coração acolhedor e amoroso, que tem muito a compartilhar.



Onde você só vê mato  
A raizeira vê cura  
Onde tudo parece capim  
O raizeiro procura  
A erva certa, na lua certa  
A raiz macerada, fervura, cozimento  
Produção carregada de sentimento  
Intenção de ajudar  
Salvação da comunidade  
Medicina sem venenos  
A serviço da verdade  
Assim são eles e elas  
Raizeiras e raizeiros  
Seres cheios de luz  
Curadores verdadeiros  
(Ivan Anjo Diniz)

*Ivan Anjo Diniz*

